



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROFESSOR ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

NADJA STEFANY SOUZA SILVA

**“ESTAMOS AQUI PARA CONTAR ESSA HISTÓRIA”: os atravessamentos entre
maternidade e docência durante o isolamento social da COVID-19**

**ITABAIANA
2023**

NADJA STEFANY SOUZA SILVA

“ESTAMOS AQUI PARA CONTAR ESSA HISTÓRIA”: os atravessamentos entre
maternidade e docência durante o isolamento social da COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Fernanda Amorim Accorsi

ITABAIANA
2023

NADJA STEFANY SOUZA SILVA

“ESTAMOS AQUI PARA CONTAR ESSA HISTÓRIA”: os atravessamentos entre maternidade e docência durante o isolamento social da COVID-19

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Pedagogia, do Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, como requisito para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

Orientador(a): Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi

Aprovada em: 05 de outubro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Fernanda Amorim Accorsi (Orientadora)
Departamento de Educação - Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a Dr.^a Laiany Rose Souza Santos
Departamento de Geografia - Universidade Federal de Sergipe

Prof.^a Dr.^a Milene Rodrigues Martins
Departamento de Física - Universidade Federal de Sergipe

ITABAIANA
2023

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz,
e os seus planos serão bem-sucedidos.”

Provérbios 16:3

AGRADECIMENTOS

Após cinco anos desta trajetória, reconheço que esta conquista foi marcada por inúmeros desafios, mas, olhando para trás, não faria nada diferente. Escolheria novamente trilhar os mesmos caminhos, vivenciar as mesmas alegrias e superar as mesmas dificuldades.

Por trás desta vitória, existem inúmeras parcelas de contribuições provenientes de pessoas que acreditaram em meu potencial e me incentivaram a acreditar que eu era capaz.

Primeiramente, agradeço ao Criador pela sua infinita misericórdia, guiando-me e fortalecendo-me a cada dia. Sem o seu amor, eu nada sou.

À minha mãe, Maria, minha fonte inesgotável de amor, te dedico o melhor de mim, essa conquista é nossa, fruto de seu apoio incansável. Te amo mãe!

À minha madrinha, Gildete Matos, que se tornou um alicerce na construção deste sonho. Palavras jamais poderão transmitir a profundidade de minha gratidão por todo apoio da senhora e da família Santana.

Ao meu pai, Jenival, expresso gratidão pelas suas infinitas orações direcionadas à mim.

À minha amada irmã Rickelmia, pela constante demonstração de carinho e pelo forte vínculo que criamos, assim como aos meus irmãos Ricleivson e Rackelen, eu amo vocês.

À minha família, incluindo tios, tias, primos, primas e avôs e avôs, sei que esta conquista é celebrada por todos vocês. Embora não seja possível citar a todos, cada um tem sua parte nessa conquista.

Ao meu noivo, William, grata pelo seu companheirismo.

Minha gratidão também se estende às minhas amigas construídas através da UFS, Milena e Gabriela, que compartilharam esta jornada comigo tornando-a mais leve e significativa. Vocês foram bênçãos de Deus para minha vida.

Também agradeço ao meu ciclo de amizade de sempre e para sempre, Jéssica, Layla, Mery, Valéria, Sheylla e Maíra, que sempre me motivaram, receber esse apoio fortaleceu essa caminhada.

À minha querida orientadora, Fernanda Amorim, que se somou à minha jornada acadêmica, proporcionando sabedoria e guia, seus ensinamentos mudaram a minha vida.

Aos professores da educação básica e superior, expresso meu profundo reconhecimento pelas aprendizagens direcionadas que me permitiram alcançar este momento.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para esta vitória, o meu muito obrigada.

E por fim, não menos importante, a mim mesma. Sempre sonhei em realizar uma graduação, em fazer parte de uma universidade e vivenciar a aprendizagem de coisas que jamais

teria a chance de aprender se não tivesse feito a minha pré-matrícula. No começo, lá em 2018, as incertezas eram avassaladoras, e eu até duvidava que chegaria muito longe devido ao meu nervosismo e ansiedade. Mas, olha só, aqui estou em 2023, prestes a concluir a minha tão almejada graduação em Pedagogia. É uma conquista que me enche de gratidão e orgulho!

“Eu decidi que não há nada de errado em se considerar feminista. Então, eu sou uma feminista e todas nós deveríamos ser feministas, porque feminismo é uma outra palavra para igualdade.”

Malala Yousafzai

RESUMO

Durante muito tempo, a maternidade e a docência foram as únicas formas de realização feminina. As lutas e reivindicações travadas pelos movimentos feministas, resultaram em um significativo avanço no que diz respeito à inserção das mulheres em diversas posições profissionais, bem como à obrigação de exercer a maternidade. Contudo, ainda enfrentam desafios para conciliar esses dois papéis. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é investigar como a docência e a maternidade estiveram atravessadas durante o isolamento social da COVID-19. Pois, esse cenário pode ter acarretado confluências na vida dessas mulheres devido às mudanças nas dinâmicas familiares, educacionais e sociais. Para isso, foi conduzido um estudo de caso com as docentes que também são mães do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, com a realização de entrevistas a fim de explorar as experiências destas participantes. Os dados coletados foram analisados sob a perspectiva das relações de gênero dos Estudos Culturais e teorias feministas. Os resultados sinalizaram como as identidades maternas e docentes dessas mulheres, construídas e vivenciadas em uma sociedade machista e capitalista, se entrelaçam e moldam suas abordagens e experiências antes e durante esse período. O ensino remoto, uma consequência emergencial desse período pandêmico, apresentou desafios adicionais para essas mulheres, afetando sua saúde mental e bem-estar físico devido à sobrecarga das múltiplas demandas que foram consideravelmente ampliadas, lançando luz a necessidade de reconhecimento institucional a fim de tornar a universidade mais equitativas e assegurar as necessidades particulares das professoras-mães.

Palavras-chave: COVID-19; docência; ensino remoto; isolamento social; maternidade.

ABSTRACT

For a long time, motherhood and teaching were the only forms of female fulfillment. The struggles and demands waged by feminist movements resulted in significant progress with regard to the inclusion of women in various professional positions, as well as the obligation to exercise motherhood. However, they still face challenges in reconciling these two roles. Therefore, the objective of this research is to investigate how teaching and motherhood were crossed during the social isolation of COVID-19. Thus, this scenario may have led to confluences in the lives of these women due to changes in family, educational and social dynamics. To this end, a case study was conducted with teachers who are also mothers from the Department of Education at the Federal University of Sergipe, with interviews carried out in order to explore the experiences of these participants. The data collected was analyzed from the perspective of gender relations in Cultural Studies and feminist theories. The results showed how these women's maternal and teaching identities, constructed and experienced in a sexist and capitalist society, intertwine and shape their approaches and experiences before and during this period. Remote teaching, an emergency consequence of this pandemic period, presented additional challenges for these women, affecting their mental health and physical well-being due to the overload of multiple demands that were considerably expanded, shedding light on the need for institutional recognition in order to make the university more equitable and ensure the particular needs of teacher-mothers.

Keywords: COVID-19; teaching; remote teaching; social isolation; maternity;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas e Técnicas
CONEP	Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão
COVID-19	Coronavirus Disease 2019
DEDI	Departamento de Educação
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde
PEPECA	Grupo de Pesquisa e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente
UFS	Universidade Federal de Sergipe
TCLE	Termo de Esclarecimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS	16
3	ANÁLISES DAS NARRATIVAS DOCENTES	20
3.1	A introspecção materna entre amor e responsabilidades	20
3.2	A autopercepção da identidade docente sob a perspectiva da maternidade	26
3.3	As redes de apoio que fortalecem as professoras-mães	32
3.4	Sobre(vivências) das professoras-mães durante o isolamento social da COVID-19	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	53
	APÊNDICES	58

1 INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, a maternidade e a docência foram as únicas formas de realização feminina. O patriarcado endossou a concepção de que a função das mulheres estaria apenas na esfera privada, nos cuidados do lar e da família. “A felicidade pessoal da mulher, tal como era então entendida, incluía necessariamente o casamento” (SAFIOTTI, 1976, p. 17). Desde a infância, as meninas, eram/são ensinadas a serem boas esposas e boas mães, aprendendo todas as demandas que esses papéis exigem em sociedade.

É válido considerar que, tais concepções se perpetuam até os dias atuais, terceira década do século XXI, e ainda continuam moldando a vida de muitas mulheres, principalmente aquelas que não enxergam no matrimônio e na maternidade sua completa felicidade. Machado, Penna e Caleiro (2019, p. 1126) salientam que “[a] mulher contemporânea tem outras perspectivas e escolhas não centradas na maternidade, entretanto, assumir essa posição ainda é um desafio no enfrentamento da pressão social e da discriminação.” Os discursos conservadores estão fortemente enraizados nos estereótipos de gênero, os quais ditam os caminhos para cada um/a seguir, sempre buscando limitar a liberdade e autonomia feminina.

Para tanto, propaga-se uma naturalização e romantização em torno da maternidade, na tentativa de induzir as mulheres a terem filhos/as. O instinto materno, o teor sagrado de uma gestação, são alguns dos discursos da maternidade compulsória que colocam a gestação para além de uma escolha, embora diferentemente, homens não sejam educados para se preocupar com a paternidade.

Alicerçados em discursos como estes, construídos historicamente e socialmente, a docência se torna uma profissão feminina por excelência, em virtude da concepção construída de que o ato de ensinar é uma extensão do cuidar, função desempenhada pelas mulheres em seus lares. “A representação do magistério é então transformada. As professoras são compreendidas como mães espirituais- cada aluno ou aluna deve ser percebido/a como seu próprio filho ou filha” (LOURO, 1997, p. 97). As mulheres passaram a ingressar no mundo do trabalho, entretanto sem muita opção, seguindo apenas para a função que lhe era adequada de acordo com o seu gênero.

E, assim como na maternidade, as mulheres também são cobradas em seus papéis profissionais, no contexto da docência, qualquer ato de má conduta de seus filhos/as ou alunos/as, a culpa recai sobre elas. O universo feminino, guardadas as diferenças de raça, classe, geração, localização, possui outras cobranças em torno delas, que precisam lidar com

exigências de determinado comportamento e aparência adequada. Sobre o controle dos corpos e comportamentos, Foucault (2004, p. 126) afirma: "[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior dos poderes muito apertados, que lhe impõe limitações, proibições ou obrigações".

Deste modo, a condição da mulher na sociedade é marcada por inúmeras formas de opressão e cobrança, em função do controle social de uma sociedade regida sob a égide do patriarcado, machismo e sexismo. Este sistema desempenha um papel significativo na maneira como essas mulheres experimentam e constroem sua identidade. Ao concordamos com Hall (2006), entendemos que a identidade do sujeito pós-moderno é caracterizada pela fragmentação e pela multiplicidade de identidades. Ou seja, ela não se constitui como algo fixo, sendo fluida e sujeita a constante transformação, influenciada por sistemas de significação e representação cultural. Além disso, este autor também destaca que essas identidades podem ser contraditórias ou não resolvidas, dado que são construídas historicamente e não determinadas biologicamente.

Em outras palavras, ainda que existam pressões sociais e estereótipos que assolam a vida das mulheres, elas podem escapar dos modelos ao questionarem as identidades ou demonstrarem que elas, as identidades, são fluidas, efêmeras, o que pode contrariar as premissas patriarcais. As lutas e reivindicações travadas pelos movimentos feministas, resultaram em um significativo avanço no que diz respeito à inserção das mulheres em diversas posições profissionais, bem como à obrigação de exercer a maternidade. Contudo, ainda é evidente a persistência de uma divisão desigual das responsabilidades relacionadas às tarefas domésticas e aos cuidados com os/as filhos/as, mesmo nas famílias em que ambos os cônjuges trabalham fora do lar, pois “dentro de uma estrutura patriarcal, o cuidado é uma ética feminina”. (GILLIGAN, 2011, p.22)

E é com essa divisão desigual que se resultam sentimentos de inferioridade e culpa na vida das mulheres. Elas são obrigadas a lidar com inúmeras demandas advindas da maternidade, família e vida profissional de forma simultânea, o que vêm a gerar uma sobrecarga e a sensação de ter que se desdobrar para ser uma boa mãe e uma boa profissional ao mesmo tempo. Federici (2021, p.37) nos lembra que “[...] o trabalho produtivo ao improdutivo, é útil à nossa escravização dentro de casa, e esta, por não ser assalariada, sempre pareceu um ato de amor”. É sobre essas nuances que este trabalho se desdobra.

No ano de 2020, a declaração de emergência global pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em razão do coronavírus, apresentou como medida preventiva a adoção de medidas de distanciamento social mais restritas, conhecidas como *lockdown* ou quarentena. Além dos

problemas relacionados à saúde, tal cenário de crise evidenciou grandes desigualdades em relação a gênero, raça, classe etc.

Com a recomendação de permanência em casa, as mulheres, que já enfrentavam uma sobrecarga de responsabilidades, passaram a ser ainda mais afetadas devido ao isolamento social. A desigualdade na distribuição das tarefas domésticas e no cuidado com os/as filhos/as se acentuou, gerando impactos na vida pessoal e profissional dessas mulheres.

No cenário educacional, em resposta aos altos índices de contaminação, foi adotada a modalidade de ensino remoto como forma de dar continuidade às atividades escolares. Esse outro modelo de aula trouxe desafios para os professores/as, que tiveram que se adaptar rapidamente a uma outra forma de ensinar e aprender, exigindo outras condutas. E, foi durante o período remoto, que pude observar¹, e ficou registrado em minha memória, alguns momentos, situações em que docentes do Departamento de Educação (DEDI), que eram mães, precisavam solicitar licença no meio de uma aula para atender demandas relacionadas à maternidade e à família. Situações em que seus filhos e filhas ocupavam os espaços e as telas durante as aulas, buscando afeto e atenção materna ou manifestando interesse pelas atividades que a mãe desempenhava naquele momento. Tal observação me chamou a atenção e me fez questionar como essas mulheres, que também são mães, professoras e pesquisadoras, conseguiram lidar com as diversas demandas diárias durante o isolamento social.

Desde o início do meu curso de Pedagogia em 2018 fui imersa em questões educacionais relacionadas às mulheres, o que despertou meu interesse pela área. Gradualmente, pude perceber como questões ligadas ao universo feminino frequentemente são desvalorizadas e minimizadas. Minha jornada acadêmica me levou a um lugar especial, membro do Grupo de Pesquisa e Estudos em Práticas Educativas, Corpo e Ambiente (PEPECA), coordenado pela minha orientadora Professora Dr^a Fernanda Amorim Accorsi. Lá, minhas indignações se solidificaram, e desde então, tracei como meta, realizar meu trabalho de conclusão de curso sobre mulheres.

Neste contexto, o presente trabalho situado em um cenário patriarcal e capitalista utiliza-se metodologicamente do pós-estruturalismo, com **objetivo geral** de investigar como a maternidade e a docência se atravessam na vida das professoras-mães do DEDI, especialmente durante o isolamento social da COVID-19. Como mencionado anteriormente, eu já possuía minhas observações e indagações, agora era chegado o momento de praticar o lugar de escuta

¹ Durante todo o trabalho, haverá o uso da primeira pessoa no singular quando a discussão partir, exclusivamente, das minhas elucubrações e haverá, ainda, trechos em que foi usado a primeira pessoa no plural, quando as problematizações são oriundas de teorias e confeccionadas junto de minha orientadora.

das mães-professoras do DEDI para entender a percepção delas diante das identidades docentes e maternas. Para tanto, definiu-se os seguintes objetivos específicos: (i) discutir as concepções de maternidade e docência a partir dos Estudos Culturais e das Teorizações feministas; (ii) investigar, por meio de entrevistas com as mães professoras conciliaram suas ocupações profissionais e familiares durante o isolamento social na pandemia da COVID-19; (iii) analisar as respostas obtidas através de entrevistas com professoras- mães sobre suas experiências durante o isolamento social sob a ótica das relações de gênero, dos Estudos Culturais e teorias feministas.

Entendemos que esse cenário pode ter acarretado confluências na vida dessas mulheres devido às mudanças nas dinâmicas familiares, educacionais e sociais. No entanto, pouco se sabe sobre como as vivências e as identidades estiveram entrelaçadas ou se redefiniram em resposta aos desafios impostos por esse contexto específico. Emergindo assim, o seguinte **problema de pesquisa**: Como a maternidade e a docência estiveram atravessadas na vida das professoras-mães do DEDI, durante o isolamento social da COVID-19? Partimos da hipótese de que as desigualdades de gênero foram agravadas e que as professoras que também são mães enfrentaram dificuldades significativas na gestão do tempo, devido à necessidade de conciliar suas atribuições familiares e profissionais de forma simultânea. Isso pode ter resultado em sobrecarga, estresse e exaustão física e emocional.

Assim, este estudo pode contribuir no desenvolvimento de políticas e práticas mais efetivas no que concerne ao apoio às mulheres em possíveis situações semelhantes no futuro. Ademais, essa análise também pode fornecer para a comunidade acadêmica dados importantes para seguintes estudos sobre as desigualdades de gênero existentes em nossa sociedade e como as mulheres têm enfrentado essas disparidades, bem como servir de inspiração para refletir sobre outras possibilidades da maternidade associada à docência.

2 TRAJETÓRIAS METODOLÓGICAS

Esta monografia está sendo desenvolvida sob a perspectiva pós-estruturalista. Louro (2007, p. 241) explica que “conhecer, pesquisar e escrever nessa ótica significa resistir à pretensão de operar com ‘a verdade’.” Em outras palavras, evitamos enrijecer o processo de pesquisa, porque, como qualquer tarefa científica e intelectual, há muito da subjetividade de quem produz, coleta e analisa os dados. “Uma das principais características dos Estudos Culturais é justamente sua versatilidade teórica, entendendo que os processos culturais vinculam-se de maneira importante às relações sociais – de classe, de raça, de gênero, de geração -, envolvendo relações de poder”. (FELIPE, 2009, p. 6)

Utilizando uma abordagem qualitativa, o objeto deste estudo são as falas exteriorizadas por todas as docentes que me lecionaram, integrantes do DEDI e que também são mães. A decisão de escolher este departamento em específico, ao invés de abranger todas as professoras-mães da universidade, está fundamentada a partir da minha experiência pessoal, impulsionada pelas observações realizadas por mim, durante aulas ministradas por elas no período de ensino remoto. Justifica-se também com base na hipótese de que elas podem ter enfrentado obstáculos na gestão do tempo e do espaço e vivenciado experiências específicas de mulheres inseridas no sistema patriarcal, devido à interseção entre a docência e a maternidade. Minayo (1994), a respeito dos métodos qualitativos relata, por se aprofundar em questões individuais, que eles acabam englobando uma multiplicidade de questões como valores, significados, crenças, ações, aspirações dentre outras coisas tão particulares, que não se é exequível quantificar.

Além disso, ser o departamento ao qual estou inserida como discente, o que me proporciona maior familiaridade para investigar o tema em questão e traz a significativa oportunidade de retribuir e contribuir para a comunidade acadêmica, ao trazer à tona questões que podem ser relevantes para a melhoria do ambiente de trabalho e para o apoio às professoras-mães em suas carreiras profissionais.

Quanto aos fins deste estudo, delinea-se em uma pesquisa do tipo explicativa, que aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas.” (GIL, 2002, p. 8) Para tanto, será realizado um estudo de caso onde serão investigados os impactos do isolamento social na vida das docentes, levando em consideração os contextos da docência e a maternidade e seus possíveis atravessamentos. O estudo de caso busca priorizar um em específico que seja considerado uma unidade significativa para o assunto em questão. (GONSALVES, 2011) Sendo assim, é significativo compreender como esse fenômeno do

isolamento social repercutiu para este grupo de mulheres em específico desta instituição pública de ensino, pesquisa e extensão que é a Universidade Federal de Sergipe (UFS).

A escolha da entrevista como técnica de coleta de dados ocorreu conforme a definição proposta por Gil (2008), que a considera adequada na obtenção de informações relevantes para a pesquisa, por meio de uma interação social guiada por questionamentos, em que o/a entrevistado/a desempenha o papel de fonte de informação. Assim, construindo possíveis caminhos na obtenção das respostas para o problema de pesquisa elencado aqui neste estudo, Lima (2016) destaca ser relevante o contato com os/as indivíduos/as que, no processo de investigação são tidas como peças-chaves dessa realidade específica, a possível sobrecarga das professoras-mães a partir de uma perspectiva de gênero. “Assim, imaginamos nossa contribuição para os estudos em educação, mostrando que pesquisar, é antes de tudo, um ato reflexivo de coragem.” (ACCORSI; TERUYA, 2020, p. 192)

Para a abordagem das participantes, foram enviados convites através de e-mails detalhados que apresentavam de forma clara os objetivos e a relevância da pesquisa. No total, foram enviados quatro convites para quatro professoras do grupo selecionado. Três professoras responderam positivamente, demonstrando interesse em participar e contribuir com suas falas. No entanto, uma das professoras respondeu apenas posteriormente após o envio de três e-mails manifestando que não se enquadrar no escopo da pesquisa. É notório que, desde o início, o convite foi elaborado com a máxima atenção aos detalhes, visando assegurar uma compreensão evidente dos objetivos e relevância da pesquisa, mas a observação perceptível é que, dado o caráter tardio de sua resposta, tal atitude possa refletir um certo desinteresse em participar da entrevista.

O formato escolhido configurou-se em entrevista semiestruturada, que aconteceu através de um roteiro pré-estabelecido, permitindo uma flexibilidade no diálogo, cabendo ao/a entrevistador/a fazer intervenções quando necessário. (LÜDKE; ANDRÉ, 2004) O tempo médio de duração foi entre 25-60 minutos, durante esse processo, duas das professoras optaram por manter suas câmeras ativadas durante as entrevistas, possibilitando uma interação visual e outra optou em manter sua câmera fechada durante a sessão.

Foram realizadas individualmente, de forma remota, na plataforma de videoconferência do Mconf levando em consideração a oferta de uma maior flexibilidade de horário. A escolha desta plataforma foi feita com base em alguns fatores que se mostraram vantajosos para o desenvolvimento, ela oferece a possibilidade de realizar videoconferências de forma gratuita sem limite de tempo, além do fato de ter sido uma das plataformas utilizadas pelos/as docentes

durante as aulas remotas, considerando uma possível familiarização com essa ferramenta de videoconferência.

Para isso, foram elaboradas cinco perguntas-guias para compor o roteiro de entrevista: 1) Para você, o que é ser mãe? 2) O que é ser docente? 3) Você consegue visualizar alguma relação entre esses dois papéis, maternidade e docência? Se não, como separa a maternidade e a docência? 4) Como você lida com a maternidade e a docência juntas? Se não: como você separa maternidade e docência? 5) Durante o isolamento social da COVID-19, como elas estiveram atravessadas? Se não, se são separadas: Durante o isolamento social da Covid-19, elas não atravessaram?

A partir dos dados coletados, foi realizada uma análise das respostas sob a ótica das relações de gênero e teorias feministas. Tomamos também como método de análise e reflexão os Estudos Culturais, são estes que nos permitem compreender, questionar e problematizar algumas concepções e argumentos que, através da cultura, foram naturalizados e acabam por refletir nos modos de existir. (LOURO, 2007) A decisão de não dedicar uma seção específica ao referencial teórico busca sinalizar que, ao invés de apresentar uma revisão da literatura separada, os conceitos teóricos foram devidamente incorporados na análise dos resultados, a partir da união das narrativas apresentada pelas professoras-mães do DEDI com os fundamentos teóricos oriundos da abordagem pós-estruturalista, ao mesmo tempo em que se ancorou nos princípios dos Estudos Culturais.

Entendo que, por se tratar de um tema particular, que faz referência à vida pessoal das professoras, elas podem controlar as respostas de maneira que não se coloquem em situação de exposição. Entretanto, este é um risco da técnica de entrevista, que as sujeitas possam fugir do tema, tentar se esquivar de perguntas mais delicadas sobre o assunto, o que não é um demérito do estudo, nem invalida a coleta de dados. (GIL, 2008)

Sobre os procedimentos éticos, as identidades das entrevistadas foram resguardadas mediante o desenvolvimento deste estudo, através da utilização de pseudônimos. Houve a disponibilização de um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), descrito os objetivos e as finalidades da pesquisa, além do direito de uso dos depoimentos para as transcrições e análises, que ficarão armazenados nos equipamentos de gravação.

A escolha dos nomes fictícios Nísia Floresta, Celina Guimarães e Bertha Lutz traz um propósito simbólico de re-significar as memórias dessas mulheres influentes e inspiradoras que lutaram arduamente pela garantia dos direitos das mulheres. Nísia Floresta (1810-1885) foi uma escritora e educadora pioneira no que se refere aos ideais do feminismo, fundou o Colégio Augusto, um dos primeiros colégios exclusivos para meninas, mas que fornecia os mesmos

conteúdos das escolas destinados aos meninos. Seu livro “Direito das mulheres e injustiça dos homens” é apresentado como a primeira obra de que se tem notícias no Brasil a problematizar o espaço da mulher e os direitos que lhe interessam. (DUARTE, 2005) Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976) é também um nome na história do feminismo, pois desempenhou um papel crucial ao liderar a luta pelos direitos das mulheres, especialmente pelo voto feminino no Brasil. (SOUSA; SOMBRIO; LOPES, 2005) Celina Guimarães Viana (1890-1972) professora, foi outra pioneira na história do Brasil. Em 5 de abril de 1928 ela se tornou a primeira mulher a votar, direito concedido devido ao seu alistamento. Este feito histórico repercutiu mundialmente, uma vez que, também foi a primeira em toda América Latina. (BORGES, 2021)

3 ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOCENTES

Os relatos verbais coletados nesta pesquisa foram analisados à luz dos Estudos Culturais e das teorias feministas, categorizando-os para evidenciar as interconexões entre as esferas de maternidade e docência na vida das professoras do DEDI que também são mães. Essa abordagem foi adotada com o objetivo de atingir os propósitos delineados para este estudo, que, embora centrado na maternidade e docência durante o período de isolamento social na pandemia da COVID-19, também demandou uma compreensão mais ampla da configuração desses papéis ao longo do tempo. Assim, a estrutura dos tópicos foi cuidadosamente organizada em quatro categorias centrais: introspecção materna, identidade docente, redes de apoio e vivências durante o isolamento social. Essa organização visa apresentar de forma didática e acessível as discussões e resultados obtidos na pesquisa.

3.1 A introspecção materna entre amor e responsabilidades

Neste tópico, nos dedicamos a explorar como as entrevistadas visualizam e compreendem seu papel como mães, sobretudo, no contexto do isolamento social. Conforme ressaltado por Correia (1998, p. 365) “[a] forma de vivenciar associa-se quer às suas características individuais quer à atmosfera cultural que a circunda.” Por isso, é relevante que entendamos de que maneira a interseção entre a individualidade das mulheres e os valores e normas culturais moldam sua vivência. Vejamos:

Ser mãe, é você ter a responsabilidade que você tá criando um outro ser né, você tá educando um outro ser. Aquele ser depende completamente de você né, pra tudo. E aí, você precisa educar, cuidar, manter né, é responsabilidade, é amor. É uma coisa dialética. amor e responsabilidade ao mesmo tempo, é ver crescer. É isso. (CELINA GUIMARÃES)

Eu acredito que ser mãe envolve relações e inter-relações que a gente tem com os nossos filhos e uma responsabilização para orientar, educar, cuidar, isso. Estabelecer limites, eu acho que é isso, acho que eu não vou muito naquela praia da ideia da doação [...] (BERTHA LUTZ)

Em ambas as respostas, as participantes associaram o seu papel de mãe diretamente aos cuidados infantis. Neste trecho, vemos que o cuidado é genericado, conforme discutem Kern (2021), Badinter (1985) e Accorsi, Souza e Santos (2022). Vemos, ainda, que as narrativas confirmam que amor, responsabilidade, cuidar e educar são termos tradicionalmente associados à maternidade, tal como explicam as teorias. Donath (2007) descreve que a maternidade pode proporcionar a uma mulher uma ampla variedade de sentimentos e experiências, e que por isso, configura-se uma vivência única e singular. Entretanto, a ênfase significativa dada à responsabilidade pelos cuidados infantis, notada nas duas falas, reflete o efeito das normas e expectativas culturais e sociais que consolidaram a maternidade como um elemento central da identidade feminina. Esse contexto cultural contribui para que as mães se percebam como as principais agentes responsáveis por criar e cuidar dos filhos/as, quando não as únicas a fazer isso, pois a criação das crianças tem ficado, historicamente, a cargo das mulheres. (Badinter, 1985).

A recorrência da palavra "amor" também nas duas respostas indica que esse sentimento, nutrido de afeto, de alguma maneira interpela a condução do seu papel materno e se revela através do cuidado. No entanto, “a forma como é vivenciada a Maternidade vem variando em função das exigências e dos valores que dominam numa determinada sociedade, num determinado momento.” (CORREIA, 1998, p. 368) Uma vez que, no imaginário social, prevalece a ideia arraigada de que o ato de cuidar está inextricavelmente vinculado ao papel das mulheres, atribuindo a elas a responsabilidade pelo cuidado (SANTOS; CAMPANA; GOMES, 2019).

Contudo, tomemos como exemplo, os escritos de Badinter (1985), no livro “O mito do amor materno”, ela apresenta uma perspectiva histórica de que nem sempre houve essa afeição das mães para com seus filhos e filhas. Inicialmente, havia um sentimento de indiferença em relação às questões maternas, através de análise de documentos literários e históricos, ela descreve as relações entre mãe e filho/a na Europa caracterizadas por pouco ou nenhum afeto, motivadas por fatores econômicos e o peso das convenções sociais. Ficou apercebido que na ideologia familiar do século XVI, diferente do que vemos hoje, na terceira década do século XXI, “a criança tem pouca importância na família, constituindo muitas das vezes para ela, um verdadeiro transtorno. Na melhor das hipóteses, ela tem uma posição insignificante. Na pior, amedronta.” (BADINTER, 1985, p. 53)

A ausência do sentimento de infância tem sua parcela de contribuição para essa dinâmica da época, uma vez que não existia valor social ou moral ao que estivesse relacionado às crianças. Até fins do século XVIII era exorbitante o alto índice de mortalidade infantil (Áries,

1978). “Valia mais a pena não se apegar para não sofrer depois.” (BADINTER, 1985, p. 84) Assim, reconhecer a ausência de amor neste período, não implica que o afeto não existisse, a questão central é que a ele não era atribuído o mesmo status e importância que foi nos séculos seguintes e principalmente na atualidade, o que fica evidente nas narrativas de Celina e Bertha.

Foi apenas no último terço do século XVIII, durante o que Badinter (1985) descreve como a "revolução das mentalidades", que se instaura uma mudança na percepção da figura materna. Antes desse período, não havia uma associação direta entre as palavras "amor" e "materno". Dado que, o processo de industrialização da sociedade trouxe uma distinção mais clara entre os espaços público e privado. Consequentemente, o poder patriarcal começou a declinar, enquanto o trabalho das mulheres dentro de casa, principalmente relacionado à reprodução, passou a ser menos valorizado (ROCHA-COUTINHO, 2005).

A “nova mãe” agora amamenta o seu próprio filho, função “[...] anteriormente realizada de forma recorrente por amas-de-leite, o estímulo começa a se manifestar dentro do seio familiar, com especial atenção à própria mãe” (VIEIRA, 2020, p.27). Suspende o uso da faixa e a boa mãe passa precisa estar atenta à higiene, permanecendo vigilante para que sua prole sobreviva. No Brasil, nesse mesmo período, o cenário era similar, a amamentação dos filhos/as das senhoras era delegada às mulheres escravizadas, refletindo de certo modo, os vestígios das tradições estrangeiras (VIEIRA, 2020).

Com a ascensão da sociedade industrial, foi observado uma transformação na estrutura familiar que introduziu uma nova dinâmica, marcada por relações mais afetivas e uma proximidade maior entre marido e esposa, bem como entre pais, mães e filhos/as. Dentro desse contexto, a mãe emerge como uma figura central e assume a responsabilidade primordial pelo bem-estar das crianças e do marido. Além disso, ela também passa a desempenhar o papel de mediadora entre o pai, que, devido às demandas do trabalho fora de casa, torna-se cada vez mais ausente (ROCHA-COUTINHO, 2005).

A sociedade patriarcal foi construindo e estabelecendo papéis específicos para as mulheres, ditando como elas devem se comportar e quais são suas funções sociais. Embora, essas normas não sejam fixas, elas têm sido moldadas ao longo do tempo, dependendo das circunstâncias históricas e sociais (SOARES; CARVALHO, 2003). Dessa forma, as mulheres foram encarregadas das tarefas relacionadas à maternidade, e essas responsabilidades foram consideradas inerentes à sua natureza. Atribuíram-se a elas qualidades como abnegação, dedicação e docilidade, tidas como essenciais para serem vistas como “boas” mães, o que estabeleceu uma relação direta entre ser mãe e ser considerada feminina, entre ser mãe e ser respeitada, ser mãe e ser um agente social visível. Essa associação, por sua vez, resultou na

discriminação persistente contra as mulheres ao longo do tempo e na predominância dos homens na esfera pública (ROCHA-COUTINHO, 2005).

O séc. XIX é, conseqüentemente, um importante marco na origem de uma «nova mulher»: educadora, mãe, criadora da sociedade futura. Passou a esperar-se uma quase onipotência por parte da mulher. Cria-se assim à mulher a obrigação de, antes de tudo o mais, ser mãe. (CORREIA, 1998, p. 368)

No século XIX, houve uma ampliação das responsabilidades atribuídas às mães, filho na infância, compreendendo que tais ensinamentos poderiam de alguma forma interferir incluindo a importante função de educar seus filhos/as em relação aos valores morais, os quais se referiam à honestidade, o respeito ao próximo e ao altruísmo. O discurso hegemônico da época afirmava que ninguém seria mais habilitado para educar uma criança que a sua própria mãe, dado que, o instinto materno desperta na mãe dedicação, paciência e amor sem limites, elementos fundamentais e completos para uma sólida pedagogia moral (BADINTER, 1985). Vejamos então como isso se reverbera na prática, com um outro trecho da resposta de Bertha Lutz:

A minha concepção de ser mãe envolve um compromisso, um comprometimento e que você já não vai ser mais sozinho, você já não vai ser mais o centro da própria vida, você vai envolver, você agora vai dividir, você amar, mas também você ser né o responsabilizador dos processo para que você eduque bem né? Até onde a gente pode, porque depois os próprios filhos já têm as suas escolhas e aí, o que você já fez na infância, já vai contribuir na formação dele. Então, eu acredito que ser mãe tenha sido isso pra mim. Uma coisa que eu sempre fiquei muito atenta com os meus filhos, foi o acompanhamento na infância, eu sempre fui uma mãe muito presente, uma mãe muito cuidadosa. (BERTHA LUTZ)

Notamos no trecho em destaque, o peso que Bertha atribuiu à sua responsabilidade de educar seu/sua filho/a. É importante ressaltar que a educação abordada aqui, não está voltada à instrução, mas sim, à educação moral. Bertha demonstrou grande interesse em orientar seu nas suas escolhas futuras, quando já não estiverem sob seu alcance. Em outras palavras, o que eles/as seriam, no futuro, dependia, em específico, da dedicação e dos cuidados dela. O êxito de seu papel como mãe estava intrinsecamente ligado a assumir a responsabilidade pelo futuro de seu filho/a. É uma realidade constante perceber que, com frequência, as mães são apontadas como as principais responsáveis nas escolhas e comportamentos de seus filhos e filhas.

A responsabilidade [quase exclusiva] da criação das crianças pode desencadear culpa nas mulheres, que se veem presa uma pedagogia, aquela que projeta um pressão excessiva nas mães para que elas desempenhem um papel para além do seu alcance, uma vez que, é científico que o desenvolvimento e as escolhas individuais dos filhos e das filhas são orientados por uma

ampla variedade de fatores que neles estão incluídos não apenas a figura materna, mas também a figura paterna [ou a ausência e omissão dela], parentes próximos, o ambiente escolar, as relações de amizade e as mídias, entre outros. Além disso, não podemos excluir o papel fundamental das questões identitárias que são inerentes ou que emergem na própria pessoa. Logo, culpar exclusivamente às mães pelas escolhas e comportamentos é uma simplificação injusta da complexa interação de fatores que moldam a trajetória de vida de cada indivíduo e nos revela uma das facetas mais cruéis do machismo.

Então ser mãe tem sido isso... Agora a gente acredita que não é só amor, eu acredito que não seja só amor, tem essa relação de doação porque me doou mesmo pelos meus filhos, não tenho limites de doação, mas também tem pra mim essa questão de ser mãe como uma pessoa que precisa da infância deles ser estabelecidos limite para eles. A gente tinha até semana do não, para minha filha. Era uma menina que tinha dificuldade de lidar com o não, então a gente estabeleceu a semana do não e aquela semana do não, recebia não a semana inteira para aprender a lidar. Eu acho que é amor, é doação, é compromisso, e comprometimento sabe? É respeito também pela outra pessoa. (BERTHA LUTZ)

Novamente, a entrevistada reitera a importância do seu papel materno como guia, apresentando uma estratégia que utilizava chamada de "semana do não". Ela adotou essa abordagem com o intuito de preparar sua filha para lidar com as possíveis rejeições que poderia enfrentar no futuro, declaração que não nos cabe julgar, afinal não é o escopo do trabalho corroborar com a sociedade que faz juízo de valor e separa as mulheres entre boas e más. No entanto, um outro aspecto merece destaque neste mesmo trecho da fala de Bertha Lutz, a possível contradição presente em suas declarações. Em determinado momento, ela descreve que não existe limite para o ato de doação, entretanto, quando questionada sobre o significado de ser mãe, ela afirma: "*acho que eu não vou muito naquela praia da ideia da doação, aquela questão de ser maravilhoso*". É importante notar que a discussão em torno da maternidade, especialmente no que se refere à própria identidade materna, pode ser uma área desconfortável para algumas mulheres, na mesma medida que como seres culturais, elas podem apresentar contradições sobre suas reflexões e comportamentos.

Devoção e a abnegação são características e comportamentos tradicionalmente cobrados pelo que, aqui, chamamos de "Pedagogia do sacrifício", cuja história tem sido direcionada, principalmente, às mulheres, em especial no contexto dos papéis de mães e cuidadoras, sendo frequentemente esperadas a dedicar-se intensamente a eles, “[n]ão devemos negligenciar que, no patriarcado, o destino das mulheres é a violência” (TIBURI, 2018, p. 32). Se até o século XVIII, o discurso era de que as mulheres deveriam direcionar o cuidado de seus

filhos/as a terceiros para poderem auxiliar seus maridos no trabalho, o século XIX trouxe um novo discurso, enfatizando que as mulheres deveriam passar a cuidar e dedicar-se exclusivamente aos filhos/as. (BADINTER, 1985) Tais discursos podem ser relacionados à fala da entrevistada, pois o discurso da “Pedagogia do sacrifício” continua a afirmar que, além de cuidar da sua prole, as mulheres da terceira metade do século XXI também precisam se sacrificar por eles.

Portanto, Camozzato (2014) ao analisar as Pedagogias do Presente incide sua reflexão destacando que não se trata simplesmente do surgimento de novas pedagogias, mas sim de uma contínua reconfiguração das mesmas, pois estão em constante transformação e, por sua vez, exercem interferências no mundo e nas pessoas que nele vivem, afinal há modos tidos como adequados de existência e as pedagogias contribuem para a produção de sujeitos ao dirigir os corpos, elaborar as subjetividades e interditando ou permitindo condutas e hábitos.

O anseio do que vem a surgir nas declarações de Bertha Lutz pode estar associado ao receio de possíveis julgamentos. As complexidades emocionais e as expectativas sociais podem contribuir para que as mulheres revelem sentimentos contraditórios ao falar sobre maternidade, que está inserida no campo da vida particular, mas que ao mesmo tempo é política. Os discursos do senso comum presentes nas famílias, nas escolas, nas mídias retratam a maternidade como um destino certo na vida das mulheres, eles frequentemente recorrem a elementos biológicos, crenças religiosas e padrões sociais/culturais para firmar a maternidade como um aspecto central da identidade feminina (LOURO, 2014). Tradicionalmente cobradas na maternagem, a pressão social para com as mulheres não se encerra aí, é preciso que além de se tornar mãe, os discursos morais ditem que tipo de mãe você precisa ser. Assim, a menção ao termo "doação" feita por Bertha nos sinaliza uma reflexão sobre a essência dessa ação, que ela inicialmente nega desenvolver, mas posteriormente afirma não ter limites quando se trata sobre. Sob nossa ótica, é como se doação e maternidade não pudessem caminhar separadas, caso contrário, o valor acerca de ser mãe pode ser baixo e não há quem queira flertar com essa suposta “redução” do feminino.

Os discursos religiosos, morais, dentre outros, estão interligados e incentivam a associação entre devoção, doação e sacrifício como características/sinônimos de uma "boa mãe". Badinter (1985) explora a "ideologia do devotamento e do sacrifício", na qual frequentemente se argumentava que a essência da feminilidade residia na abnegação, e é através dela que as mulheres encontrariam sua realização. Consequentemente, na maternidade, a mãe que não se sacrificasse por seu filho/a receberia o título de "egoísta", "descuidada" ou "negligente".

[...] vivemos em sociedades e culturas em que uma multiplicidade de pedagogias opera no cotidiano, visando elaborar subjetividades, produzir identidades, adestrar e dirigir corpos e gestos, interditar, permitir e incitar ou ensinar hábitos, costumes e habilidades, traçar interditos, marcar diferenças entre o admitido e o excluído, valorar diferencialmente e hierarquicamente gostos, preferências, opções, pertencimentos, etc. Estas pedagogias implicam, tal como aquelas praticadas no espaço escolar, a demarcação de fronteiras simbólicas, imaginárias e até físicas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2008, p. 22)

Logo, a narrativa de Bertha pode indicar um medo de pertencer a este lugar de “mãe má”, de obter a referida titulação, em razão de reconhecer que os pressupostos patriarcais são radicais com aquelas que não se sacrificam pelos/as seus/suas filhos/as. E as mulheres têm receio do julgamento patriarcal, porque ele pode ser violento com quem não se enquadra, é hostil com as mães que não participam do modelo designado a elas pelos homens que detêm o poder de significar o mundo (KERN, 2021).

3.2 A autopercepção da identidade docente sob a perspectiva da maternidade

Neste tópico, não apenas é importante compreender como as mulheres participantes desta pesquisa percebem o seu papel como mães, também é fundamental ouvi-las sobre sua identidade docente. Nós nos aprofundaremos no referencial teórico deste tópico para entender por que é tão relevante conhecer a maneira como elas se enxergam. Ao questioná-las sobre o significado de sua atuação como docentes, obtemos a seguinte resposta de Celina Guimarães:

É parecido com o ser mãe, ver o aluno ali chegando e crescendo junto, porque a gente muitas vezes vê o aluno no 1º período e depois vai acompanhando. Eu costumo dar algumas disciplinas no início e no fim, não costumo no meio. Quer dizer, na verdade eu tenho disciplinas no início, no meio e no fim. No meio é estágio, e aí eu tenho um processo de ver nascer aquele aluno na universidade e esse aluno ir crescendo, a gente sente o peso dessa responsabilidade. Quando vejo o aluno no estágio meio perdido com alguma coisa, por exemplo, eu digo: peraí, o que foi? Qual foi o erro que cometemos? E quando vejo aquele aluno muito bem, eu digo: nossa, que maravilha, fizemos um bom trabalho. Digo sempre no plural, porque ser docente é pluralidade. Não dá para ser docente sozinho. E quando chega no final, que a gente vai para as disciplinas finais, ou para monografia, e você ver que o aluno desabrochou que o aluno floriu, é muito orgulho, porque você viu todo o processo então é parecido com o ser mãe, você ter responsabilidade com aquela pessoa, aquele ser, um outro ser que não é você, é responsabilidade é também amor.

A comparação feita entre ser docente e ser mãe nesta narrativa abre espaço para algumas reflexões pertinentes sobre a identidade profissional de Celina. Assim como uma mãe guia e acompanha o desenvolvimento de seu filho/a, como docente ela também orienta seus alunos/as ao longo de suas trajetórias acadêmicas. Embora essa relação docente-aluno/a não seja tão íntima quanto a relação mãe-filho/a, é forte o peso da responsabilidade que ela sente em relação aos/às seus/suas discentes. O êxito acadêmico de cada aluno/a não é determinado por apenas um único fator, ainda que Celina se inclua como um possível elemento.

Quando ela afirma “*é parecido com o ser mãe*”, ela também utiliza o amor e a responsabilidade que também foram expressões utilizadas para descrever o seu papel de mãe, e apesar de os/as docentes poderem se preocupar com seus alunos/alunas e formar vínculos emocionais com eles/as, é válido destacar que, a relação entre professor/professora e aluno/aluna tem sua centralidade na dimensão educacional e profissional. Há, portanto, uma mistura entre as facetas identitárias na narrativa de Celina, uma vez que as mulheres foram impedidas, durante muito tempo, de exercer funções fora do espaço doméstico, sendo orientadas a serem dóceis e disciplinadas no lar, subjetividade que, quando elas saíram para o mundo do trabalho, ultrapassou a casa e tomou conta da sua vida profissional (ALMEIDA, 1998).

Vejamos esta outra narrativa:

Ser docente para mim envolve, esforço, compromisso, comprometimento com as relações e com os alunos. O cuidado que a gente precisa ter também com os eles né, eu acredito que a docência não tem relação com amizade, acho que tem relação com o respeito que a gente tem com o outro e com a afetividade. Essa responsabilidade afetiva e emocional que a gente precisa enquanto docente tá como aluno mas em contrapartida a ética a integridade que a gente também precisa ter com os processos de ensino para que esse aluno possa se apropriar das relações do ser professor porque o ser professor não é só ter o domínio conceitual, o ser professor envolve estabelecer relações, envolve escuta, envolve cuidado, mas envolve também digamos assim um rigor. O rigor de você na escuta e no comprometimento de se envolver nos processos né? Que gerem aprendizagens com sentido e significado, mas é... Não uma relação de mãe, não é uma relação onde você permite determinadas condutas, a gente precisa ser um profissional ético que tem domínio do seu conteúdo da sua área de estudo do que você se propõe a desenvolver, cuidados pedagógicos sabe. Essa ideia das orientações pedagógicas do que você quer, que envolve o fazer e o saber do professor, e também essa relação do saber ser, mas um saber ser da afetividade e não ao que você, né seja vista como uma professora boazinha, tenho horror a esse termo, boazinha é aquela que isso ou aquilo, mas é mais uma facilitadora do processo de nota do que as relações que a gente estabelece de integridade ética, vai nessa vibe. Estou repetindo as coisas, porque depois você vai olhar lá, e aí aproveita alguma coisa, risos. (BERTHA LUTZ)

Ao contrário da resposta de Celina Guimarães, Bertha Lutz enfatiza que a sua identidade docente não pode ser comparada a uma relação materna. Embora, ela mencione termos como

comprometimento, afetividade e cuidado, que também estão presentes em sua identidade de mãe, no entanto aqui ela introduz elementos adicionais, como conduta e ética. Essas condutas podem ser aspectos da sua atuação materna, mas que assumem um papel distinto em sua função como educadora. A expressão “boazinha” em que Bertha não quer que seja associada/rotulada reforça a sua fala, pois dentro da cultura patriarcal, espera-se que as mães sejam sempre boazinhas e consequentemente professoras também. Para a participante é mais significativo distanciar esses dois papéis para evitar determinados estereótipos e ser reconhecida pelo seu profissionalismo e comprometimento com os processos educacionais.

Certamente, precisamos considerar e examinar as ideias pré-concebidas associadas a essa profissão, a fim de compreender o que Bertha enfatiza. Iniciando a análise com a segunda metade do século XIX, é possível observar uma série de mudanças sociais significativas, dentre elas, a abertura das portas das salas de aula para as mulheres. Ao longo desse período, foi testemunhado o aumento de mulheres atuando como professoras e, consequentemente, assumindo um papel predominante nessa profissão (LOURO, 2014).

O magistério se tornará, neste contexto, uma atividade *permitida* e, após muitas polêmicas, *indicada* para mulheres, na medida em que a própria atividade passa por um processo de resignificação; ou seja, o magistério será representado de um modo novo na medida em que se feminiza e para que possa, de fato, se feminizar. (LOURO, 2014, p. 99).

É significativo compreender a incorporação das mulheres na área da educação, a fim de examinarmos de que maneira comportamentos e expectativas são direcionados a elas. O termo “feminização” é frequentemente mencionado, mas compreender o contexto em que essa mudança ocorreu é necessário, as expressões “*indicada*” e “*permitida*” utilizada por Louro (2004) diz muito, afinal “naquele momento, um processo de urbanização estava em curso, no interior do qual — além da presença de outros grupos sociais, como os imigrantes, de outras expectativas e práticas educativas e de outras oportunidades de trabalho — um novo estatuto de escola se instituiu” (LOURO, 2014, p. 99). Tanto os educadores quanto as educadoras eram cobrados/as para servirem de modelos para seus alunos/alunas. Entretanto, o gênero sempre orientou diferentes aspectos desse papel, resultando em expectativas distintas para o masculino e o feminino, o professor é o mestre, aquele que guia e a professora é aquela que cuida. (LOURO, 2004).

As representações em torno das educadoras, conforme discussão de Louro (2004), têm suas bases em relações de poder patriarcais. Enquanto os professores eram frequentemente

vinculados à autoridade e ao conhecimento, uma percepção que perdura até os dias de hoje, as professoras, por sua vez, passaram a ser associadas ao cuidado e apoio [materno], especialmente no contexto da aprendizagem de seus alunos e alunas. Essas representações foram orientadas por diversos discursos de ordem religiosa, expectativas familiares e até mesmo políticas. Nesse sentido, a autora descreve uma perspectiva teórica que enxerga a representação não como um simples reflexo da realidade, mas como uma força ativa em sua construção.

Essa conduta que impõe às mulheres a busca por carreiras na docência ou em outras profissões com caráter assistencialista como sua única opção de realização profissional, está intrinsecamente ligada ao sexismo, que colocam as diferenças anatômicas e fisiológicas para determinar o que é apropriado para cada sexo (ALMEIDA, 1998). Assim, “o trabalho fora do lar, para elas, tem de ser construído de forma que o aproxime das atividades femininas em casa e de modo a não perturbar essas atividades” (LOURO, 2014, p.108). Dessa forma, gradualmente se moldou a concepção do magistério como uma extensão da maternidade, criando uma expectativa nas mulheres de que deveriam oferecer amor e dedicação, onde quer que estejam.

Nessa perspectiva, é possível discernir nas declarações das duas participantes uma divergência quanto à relação docente se assemelhar à maternidade. A revisão teórica adotada por nós salienta a construção da identidade docente como aquela que transcende diversas dimensões, como a cultural, social e normativa. Vamos observar esta outra resposta obtida:

[...] Para mim ser professora é uma dádiva, sou apaixonada na minha profissão, não vejo outra, é desafiadora e me coloca sempre diante de um espelho com aqueles juntos que são, com aqueles co-partícipes do processo de aprendizagem, eu aprendo junto. [...] A nossa tradição acadêmica vai buscar de alguma forma dizer que o eu professor é distante do eu pessoal, mas eu me cerco de, inclusive abordagem teóricas e metodologias que vão me dizer que o eu pessoal não está distante do eu profissional e que eles tão aí juntos nessa confluência de ações e transformações. O próprio Antônio Nova e autoras também que trabalham com autobiografia na formação docente, a exemplo de... Lembrando aqui do livro aqui “Refúgios do eu” da Mion, escritores estrangeiros também. Já faz um tempinho que trabalhei com eles, a Christine Josso, o que que elas vão dizer? Vão dizer que essa nossa formação, ela não está totalmente separada, embora muita das vezes a gente tenha e necessite uma postura ética, isso já é outro âmbito. Mas, o nosso, as nossas interferências no campo pessoal, sim a gente é uma pessoa que leva com tudo né, com nossos anseios, sonhos, magia ou não para sala de aula, então isso de alguma forma aparece transparece nas nossas escolhas didáticas, metodológicas de procedimentos da aula, da escolha do texto que eu quero trabalhar com o aluno, no procedimento avaliativo, com certeza as minhas transformações como mãe, elas interferem na minha profissão como professora. (NÍSIA FLORESTA)

Ao concordar com os teóricos mencionados em sua declaração, a participante reconhece que, embora exista a convicção de que a identidade do/a professor/a deva ser distinta da

identidade pessoal, as suas experiências como mãe atravessam a prática educativa. Ela aponta para a maneira pela qual seus desejos, aspirações e até mesmo suas transformações maternas orientam suas escolhas de conteúdo, abordagens de ensino e até mesmo estratégias de avaliação. Isso evidencia que sua identidade como mãe não está isolada de sua identidade como educadora, mas sim entrelaçada em uma relação de interdependência ativa em suas decisões e transformações profissionais. Ela, assim como Bertha Lutz, apontou a noção de ética, embora ela não explore detalhes sobre essa questão em sua narrativa, é possível perceber que ela reconhece a ética como um elemento preponderante em sua abordagem. Diferentemente, Lutz diz que não entrelaça esses dois papéis, vejamos como ela reforça essa distinção:

Eu separo, por isso que eu disse que não tem relação. Eu encaro que não é uma relação de mãe porque não pode ser uma relação de mãe, precisa ser uma relação profissional, mesmo que essa relação profissional envolva afetividade, essa afetividade é diferente da afetividade que a gente tem com o filho. Para mim são pontos bem diferentes de processos. (BERTHA LUTZ)

Neste contexto, podemos observar distintas manifestações da identidade docente entre as três participantes. Em suma, Celina Guimarães compartilha a percepção de que sua profissão como educadora guarda semelhanças com o papel materno. Nísia Floresta, por sua vez, reconhece que suas experiências como mãe interpelam sua atuação como docente. Por fim, Bertha Lutz destaca que não estabelece qualquer relação entre esses dois papéis. Tais perspectivas heterogêneas explicitam a complexidade sobre a identidade docente e sua interação com a maternidade, o que nos sinaliza uma diversidade de percepções e vivências que permeiam esses papéis. “Práticas e representações conflitantes e contraditórias coexistem, hoje e sempre, provocando divisões e impasses” (LOURO, 2014, p.112). Assim, é necessário retomar aqui as representações emergidas no século XX, para que possamos entender como se constitui a professora deste período. Uma vez que, nossa abordagem, alinhada à perspectiva dos Estudos Culturais, concentra-se na análise das maneiras pelas quais as representações presentes nos discursos construíram significados, provocaram impactos e orientam a compreensão de mundo em uma sociedade que continua a ser permeada por paradigmas machistas e patriarcais (LOURO, 2014).

Tal como ocorre em qualquer grupo social, docentes estão constantemente sujeitos/as a serem objetos de representações. Sendo perceptível que ao longo do tempo, certas características são associadas a eles/elas, e certos recursos são utilizados para descrevê-los/as. É uma forma de controlá-los/as. No entanto, não são simplesmente descrições que refletem as

práticas desses/as profissionais, uma vez que elas têm o poder de moldar e criar esses sujeitos (LOURO, 2004). Desta forma, o discurso educacional no Brasil, enfatizando que as mulheres eram mais adequadas para atuar na docência, foi propagado. A mensagem foi amplamente promovida através da ideologia prevalente na época e veiculada por meio de publicações periódicas destinadas tanto à educação quanto ao público feminino (ALMEIDA, 1998).

A possibilidade de aliar ao trabalho doméstico e à maternidade uma profissão revestida de dignidade e prestígio social fez que "ser professora" se tornasse extremamente popular entre as jovens e, se, a princípio, temia-se a mulher instruída, agora tal instrução passava a ser desejável, desde que normatizada e dirigida para não oferecer riscos sociais. (ALMEIDA, 1998, p. 28)

Dessa forma, o campo do ensino associado ao trabalho feminino, tornou-se um meio pelo qual as mulheres no Brasil puderam adentrar o cenário profissional. No entanto, embora estivessem ensinando como professoras, elas não tinham o poder de tomar todas as decisões na área da educação. Como consequência, as mulheres continuavam ocupando posições menos influentes dentro das escolas, evidenciando como a estrutura patriarcal da sociedade as mantinha em uma posição inferior e submissa, que se estendia ao controle da vida pessoal, inclusive, à vida sexual (RABELO; MARTINS, 2006).

A ocupação do magistério pelas mulheres deu-se efetivamente pelo aumento do número de vagas e, segundo alguns historiadores, pelo abandono dos homens desse campo profissional. A retirada dos homens em busca de outros empregos mais bem remunerados teria permitido que seus lugares fossem ocupados pelas mulheres, e alguns autores, aliás, arriscam a hipótese de que era desonroso e até humilhante para os homens exercer essa profissão. (ALMEIDA, 1998, p. 66)

Ainda que tenha representado uma oportunidade significativa para as mulheres, é crucial reconhecer que a feminização do magistério estava envolta em sombras de persistente subordinação. A docência se tornou uma opção válida para elas, devido à concepção arraigada de sua extensão ao ambiente doméstico, à democratização do ensino e aos custos que estava demandando a coeducação, o que nesse contexto, era imperativo manter os custos baixos, a fim de não enfrentar a resistência masculina. (ALMEIDA, 1998).

3.3 As Redes de apoio que fortalecem a mulher-mãe- professora

A busca pela conciliação entre as esferas profissional e familiar representa um dos desafios com os quais as mulheres se deparam frequentemente. Esse cenário também se estende ao contexto das professoras-mães, quando essas duas esferas da vida se atravessam surge um desafio complexo e significativo: exercer a maternidade e a carreira docente distante das prerrogativas opressivas patriarcais. Por esta razão, nesta categoria haverá reflexões sobre essa jornada específica, oferecendo uma visão abrangente dos desafios e alternativas que definem a experiência das professoras-mães do DEDI, para contribuir num entendimento mais aprofundado da importância de criar ambientes de apoio que permitam o fortalecimento tanto profissional quanto maternal.

É porque veja, aqui em casa talvez tenha uma estrutura diferente dos outros processos, eu não sou responsável por tudo aqui em casa. Os processos ocorrem em rede, por exemplo eu não sou aquela mãe que faz tudo, então eu não cozinho, eu não sei cozinhar, eu não vou ao supermercado, eu não faço feira. Os filhos que me socorrem, não eu que socorro eles. Aqui em casa agora que eles são grandes né, já assim... Quando eles eram pequenos, a gente sempre dividia esse papel de mãe aqui em casa assim. Então, a gente acompanhava as tarefas da escola, eu acompanhava, o pai acompanhava, a gente fazia rodízio. Se a gente estivesse muito cansado, a gente acompanhava, a gente corrigia logo cedo antes deles irem, é... Às vezes existiram períodos da nossa vida, era [...] que arrumava eles para escola, eu só acordava para levá-los porque aí eu tinha mais algum tempo de sono, existiram períodos que trabalhei 3 turnos, períodos com 2 turnos. Então a gente sempre teve uma pessoa aqui em casa, há 15 anos ela ainda tá há 20 anos agora, mas agora ela vem assim esporadicamente 2 dias na semana, mas a gente sempre teve uma rotina, então ser mãe pra mim não foi cansativo. (BERTHA LUTZ)

Ao analisarmos a narrativa desta participante, fica evidente a maneira como ela aborda sua experiência positiva como mãe e professora de seus filhos/as quando estavam em fase infantil. Ao salientar que a maternidade não a sobrecarregou, é possível inferir que essa perspectiva otimista deriva da divisão de responsabilidades que compartilha com seu esposo. Esse arranjo parece ter sido essencial no que diz respeito a sua experiência dupla como mãe e professora. A narrativa de Bertha Lutz indica resquícios do privilégio da branquitude² que oferece, às mulheres brancas, benefícios dentro da cultura racista-patriarcal, o que aparece no final da fala, em que ela menciona a existência de “uma pessoa aqui em casa”. Durante o período mencionado, as responsabilidades profissionais com os horários e até mesmo os turnos variados

² Conjunto de práticas culturais que conferem vantagens estruturais às pessoas brancas (BENTO, 2022).

de ensino, convergiram para requerer uma atenção adicional por parte dela nas atividades escolares dos filhos/as, o que diante dessa demanda, a tarefa de auxiliar nos estudos escolares foi assumida pelo pai, permitindo que Bertha obtivesse algumas horas adicionais de descanso.

Então quando eu estudava e fazia mestrado meus filhos iam para casa das tias, passavam 3 ou 4 dias. A minha mãe também ficava por aqui, então eu nunca fui sozinha, sempre tive uma rede né para estudar para trabalhar, e nunca foi algo assim nossa, eu não aguento eu estou sozinha, eu nunca estive sozinha para ser mãe, por isso é bem leve né! [...] Não tem acúmulo de funções porque eu sempre distribuí, nunca foi assim só o meu né? Então por exemplo, eu sempre escrevi para o mestrado e doutorado e eles sempre sentadinhos brincando aqui, tinha uma área que eles podiam sujar, brincar, pintar. [...] Então, foi bem isso, não consigo me lembrar de preocupações em que a maternidade tenha assim, sido um peso oneroso, tem todas as preocupações você tem as preocupações, preocupação de futuro, preocupação disso, são as relações que a gente precisa ter de coisas que não estão sobre a nossa autonomia e que a gente precisa lidar com isso. (BERTHA LUTZ)

Bertha também compartilha parte de sua jornada durante os períodos em que realizou seu mestrado e doutorado, dando destaque a importância de sua rede de apoio, constituída por familiares como tias e sua própria mãe. Essa rede desempenhou um papel crucial, contribuiu para que ela mantivesse sua concentração nos estudos e na academia sem que isso comprometesse seu papel de mãe. Bertha ainda ilustra uma estratégia que se mostrou positiva, a criação de um ambiente em que seus filhos/as pudessem brincar, sujar-se e pintar em uma área próxima a ela enquanto estudava. A narrativa sugere que houve experiência significativa ao conciliar seus estudos, carreira e maternidade, sem a necessidade de renunciar a qualquer um desses papéis de sua vida.

Quando as mulheres são orientadas a entrarem no mercado de trabalho, elas podem ser confrontadas com a pressão para desempenharem suas funções de maneira exemplar, sem erros, sem fragilidades, sem fracassos, sem que isso tenha impactos em outras áreas de suas vidas. É válido reconhecer que, embora conciliar esses dois papéis possa ser um desafio, porque há cobrança externa e interna na vida dessas mulheres, há também fatores como uma rede de apoio, que podem desempenhar um papel fundamental no alcance de uma vida digna para elas. Em outras palavras, para alcançar os resultados esperados pelo patriarcado na criação dos/as filhos/as, as mulheres precisam contar com rede de apoio, pois as cobranças são tamanhas que não podem ser suprimidas por uma única pessoa. Visualizaremos a seguir como é para uma das participantes, lidar com a maternidade e a docência juntas:

Então, eu tento equilibrar, eu acho que o equilíbrio é o que eu mais busco hoje na minha vida. Por que o ser mãe, ele necessita ter tempo e eu necessito de tempo pra

ser professora. [...] A minha filha está na colônia de férias, é um mês todinho de agonia, pois eu estou trabalhando e ela de férias. E ela não merece ficar o mês todo na televisão, ela está lá embaixo, eu deixei outras mães olhando e subi. Então assim, é uma coisa, é outra. Eu não posso abdicar, deixar minha vida de mãe nem posso deixar minha vida de professora, tá entendendo como é? Então eu venho tentando ter equilíbrio, nesse sentido, porque eu não posso abdicar de uma coisa e nem de outra, não posso focar em uma coisa e deixar a outra, seria injusto. Consigo da melhor maneira? Talvez não, mas é a maneira que eu venho conseguindo. Porque além de ser mãe, eu sou mãe de duas, com idades diferentes. Uma tem 4 anos, a outra tem 17, então são idades diferentes. Uma tá fazendo cursinho pro pré-vestibular, então eu tenho que ir com ela lá, tenho que ter o lado de dar força nesse sentido, tem a pequena, tem a universidade, tem artigo que estou fazendo pra um livro. (CELINA GUIMARÃES)

A dedicação em executar ambos os papéis de maneira eficaz, parece ser um conflito para Celina, o que não nos surpreende porque entendemos que a régua que mede o desempenho das mulheres pode ser hostil e cruel com elas, pois “[a] disponibilidade de mão de obra bem disciplinada é condição essencial para a produção em todos os estágios do desenvolvimento capitalista” (FEDERICI, 2021, p. 29). A participante destaca a importância do que ela chama de equilíbrio entre ser mãe e professora, quando enfatiza que não pode abdicar de nenhum dos dois papéis, pois ambos são essenciais em sua vida. Para ela, o contexto de ser mãe de duas meninas exige ainda mais, afinal, cada idade traz uma demanda específica de cuidados. É como nos explica Federici (2021, p. 29) “[c]onseguir um emprego assalariado nunca nos liberou do trabalho doméstico”, e nós acrescentamos: não nos liberou das cobranças acerca da maternidade. Embora admita que pode não estar conduzindo a situação da melhor maneira possível, ela posteriormente compartilha um episódio que ilustra como ela vai além de seus horários regulares de trabalho para conseguir cumprir suas responsabilidades como professora.

Aí tem os orientandos, ontem a noite orientei era 8hrs:30min, porque era o nosso melhor horário. Tanto o meu quanto o dela, entendeu? Então tento fazer o melhor, pra que isso seja equilibrado no sentindo melhor pra mim, para que eu possa equilibrar essas coisas e nem deixar nenhum lado e nenhum outro enfraquecido, mas é... Eu venho buscando melhorar né, cada momento, tem épocas que pode acontecer alguma coisa, e aí eu tenho que me dedicar mais, a exemplo, semana passada, eu estava fazendo cadastro de estágio, eu não fazia mais nada, só cadastro. Porque tiveram problemas, aluno que não sabia preencher formulário, tinha escola não sabia assinar, então foi uma semana só pra isso, e aí as coisas da minha filha deixei pra essa semana pra resolver, porque na passada era só estágio. Eu não digo que é com muita dificuldade porque, eu venho conseguindo fazer esse equilíbrio. [...] Ter menos cobrança comigo mesmo, entende? Para isso também ser bom para minha saúde mental. [...] Então eu venho me cobrando menos, para que eu possa também me sentir bem, então assim, vou buscando esse equilíbrio, para poder conseguir realizar, dá o check list nas atividades da melhor maneira que eu conseguir. (Celina Guimarães)

A flexibilidade de horário demonstrou ser uma característica crucial para ambas as partes envolvidas, tanto para a orientadora quanto para a orientanda, especialmente durante momentos de maior demanda em sua carreira, como o episódio de cadastro de estágio. Em suma, Celina está buscando constantemente uma maneira de organizar suas responsabilidades de maneira mais saudável e eficaz, indo na contramão dos pressupostos patriarcais que destinam às mulheres os lugares de culpa e sensação de fracasso. Ela reconhece a importância de cuidar de sua saúde mental e está buscando reconsiderar as pressões que coloca sobre si mesma para garantir que possa cumprir suas responsabilidades de maneira satisfatória, tanto como mãe quanto como professora.

As narrativas que estamos analisando carregam consigo detalhes específicos e vivências únicas das entrevistadas. Bertha Lutz destacou a relevância das redes de apoio ao lidar com as complexidades da maternidade e do ensino. Por outro lado, Celina Guimarães compartilhou suas estratégias para evitar sentimento de culpa e para alcançar o que ela chama de equilíbrio. Contudo, é importante reconhecer que essas experiências individuais podem não ser aplicáveis a todas as professoras-mães em nossa sociedade. Dado que, essas dinâmicas estão enraizadas em construções sociais complexas, elas podem gerar conflitos e desafios variados para diferentes mulheres que tentam conciliar esses papéis.

Howell (2022) descreve a investigação da participação de pessoas além da mãe nas responsabilidades de cuidado e criação dos filhos/as como um elemento fundamental. Isso nos convida a refletir sobre a importância de analisar de que maneira a divisão tradicional das tarefas, baseada no gênero, impõe obstáculos na rotina das mulheres.

A socialização dos filhos, por exemplo, constitui tarefa tradicionalmente atribuída às mulheres. Mesmo quando a mulher desempenha uma função remunerada fora do lar, continua a ser responsabilizada pela tarefa de preparar as gerações mais jovens para a vida adulta. A sociedade permite a mulher que delegue esta função a outra pessoa da família ou a outrem expressamente assalariado para este fim. (SAFFIOTI, 1987, p. 8)

Corroborando com a autora, a análise de Silva *et al.* (2020), ao abordar a condição das mulheres contemporâneas, destaca os avanços conquistados ao longo do tempo no contexto das carreiras profissionais e da maternidade. No entanto, quando se trata das responsabilidades ligadas aos cuidados infantis e às tarefas domésticas, verifica-se que tais aspectos permaneceram pouco modificados em nossa sociedade, como afirmamos anteriormente a partir das reflexões de Federici (2021). A pesquisa cita os dados provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e revela que, no ano de 2018, as mulheres inseridas em

atividades formais dedicaram aproximadamente 18,5 horas por semana às tarefas de cuidado e afazeres domésticos. Em contrapartida, os homens na mesma situação destinaram somente 10,3 horas semanais para essas ocupações. (IBGE, 2018)

O que acaba por validar a afirmação de Scavone (2001, p. 56) “[a] maternidade continua sendo afirmada como um elemento muito forte da cultura e identidade feminina pela sua ligação com o corpo e com a natureza”. Entretanto, lembramos que, inclusive, o que é considerado natureza é uma construção cultural mediada pelo patriarcado, pois ele “[...] consolida culturalmente o que é natural, a exemplo da menstruação, da gravidez, da amamentação e da menopausa” (ACCORSI, SOUZA, SANTOS, 2022, p. 117), mesmo que existam mulheres que não menstruam, nem podem engravidar, nem amamentam e não entram na menopausa, no tempo esperado pela medicina. O que afirmamos é que cultura e natureza se imbricam na medida que destinar às mulheres condições e atribuições “naturais” é flertar com os pressupostos do patriarcado.

Assim, pensar a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres exige uma distribuição equitativa das responsabilidades em todas as esferas, inclusive no âmbito doméstico. O foco não deve se limitar a instruir os homens a auxiliar as mulheres nas tarefas de casa, pois quando isso é considerado uma "ajuda", a carga principal ainda permanece sob responsabilidade das mulheres. Seria injusto tentar ocultar a dominação masculina sobre as mulheres por meio da suposta "ajuda" que os homens poderiam constituir (SAFFIOTI, 1987). Essa perspectiva se alinha com a narrativa a seguir, a entrevistada mencionou a distinção entre "ajuda" e "participação" do seu esposo.

Graças ao céu eu tenho uma rede de apoio que me acolhe e me ajuda muito, tia, mãe, eu não conto esposo porque ele é co-partícipe na educação dos meninos então, ele não é meramente apenas uma ajuda. Mas, não é a realidade de muitas mães de carreira solo, é fazer muitas coisas sozinhas que geram uma sobrecarga de trabalho imensa. (Nísia Floresta)

Nas relações heterossexuais das famílias nucleares, mesmo que mulheres sejam as principais cuidadoras, o papel do homem no cuidado já põe em questão estereótipos de uma paternidade pautada pelo provimento financeiro e pela autoridade. (SANTOS; CAMPANA; GOMES, 2019). Hooks (2018) destaca que as ações promovidas pelo movimento feminista têm enfatizado de maneira positiva o valor e a importância da participação ativa dos pais na criação dos filhos/as. O que é benéfico tanto para o bem-estar das crianças quanto para promover a igualdade de gênero. Quando os homens compartilham igualmente as responsabilidades parentais com as mulheres, isso tende a melhorar o relacionamento, estando juntos como um

casal ou não. Além disso, para esta autora, é fundamental observar que a escolha de algumas mulheres de abandonar suas carreiras e se dedicar completamente ao cuidado dos filhos/as não é apenas vestígios de um pensamento sexista que perpetua a dominação masculina, ela esclarece que esse comportamento também é interpelado pelo receio de criar uma sociedade onde as crianças cresçam "sem pai e mãe". Uma vez que, tal temor é alimentado pela preocupação de que as crianças possam sofrer devido à ausência ativa de ambas as figuras parentais em suas vidas.

Deste modo, embora as entrevistadas não expressaram o desejo de abrir mão de suas carreiras, ainda assim têm preocupações sobre não estar suficientemente presentes na vida de seus filhos/as, a exemplo da escolha de Nísia em optar por passar o tempo oposto ao período escolar com seus filhos. A fala subsequente ilustra esse ponto com um exemplo específico:

Por exemplo, hoje, a gente optou pelas crianças ficarem meio turno na escola e o turno oposto elas ficarem em casa. A gente se reveza, a gente tenta uma dinâmica para cuidar das crianças no turno oposto da escola, justamente para elas não ficarem em tempo integral. Não que a escola seja uma coisa ruim, não é. A escola é um espaço que tem seus limites mas tem suas potencialidades. O que eu quero dizer com isso, a gente quer estar mais próxima das crianças de alguma forma, acolher as crianças, observar as crianças, conversar com as crianças, ouvir as crianças, participar desse crescimento delas que assim, é único e veloz. (NÍSIA FLORESTA)

A fala sugere que para se envolverem mais profundamente na vida de seus filhos/as, essas mães estão dispostas a adotar alternativas que demandam um maior comprometimento e investimento de tempo em suas responsabilidades parentais, junto de suas carreiras profissionais. Portanto, o cuidado das crianças deve ser reconhecido como uma responsabilidade compartilhada tanto por homens quanto por mulheres, por isso em vez de usar o termo "pais", temos optado pela expressão "quem cuida", a fim de abarcar as diferentes formas que as crianças são cuidadas, que nem sempre acontece via família nuclear.

Para Scavone (2011, p. 56) "para alcançar esta equidade muitos elementos estão em jogo e, entre eles, a emergência de uma nova sensibilidade social que derrube o ideário do determinismo biológico." Assim, sendo fundamental que, tanto a sociedade como as próprias mulheres reavaliem sua percepção sobre a maternidade e o cuidado das crianças. Para que dessa forma, a maternidade não seja vista como uma restrição que as coloca em desvantagem na vida pública, promovendo, assim, maior igualdade de gênero na sociedade. Entretanto, há a necessidade de que os demais sujeitos sociais também desenvolvam essa crítica social que

despeja nas mães a responsabilidade integral da criação de alguém, que atualizem a suas concepções de maternidade. (OLIVEIRA, 2007).

No entanto, vale ressaltar que Nísia Floresta, que conta com uma rede de apoio em sua vida pessoal, demonstra claramente sua insatisfação com a falta de suporte por parte da instituição onde trabalha. Tal frustração reflete a discrepância entre o apoio que ela recebe em sua esfera pessoal e as carências que observa na organização em que exerce suas atividades profissionais.

As instituições e não é uma questão só da UFS, mas é ampla de se falar, se você conversar com mães que têm crianças pequenas ou bebês, enfim essa realidade não é acolhida pelas instituições, nós não temos um apoio, um suporte para que possa reconhecer por exemplo, horário de trabalho né, pra que a gente tenha mais flexibilidade de corrigir, demandas [...] Então assim, institucionalmente a gente não tem apoio. Existem vários estudos que mostram por exemplo os impactos que isso tem na produtividade e que eu critico bastante em termos profissionais. Essa produtividade decai exatamente porque a gente precisa de tempo, a gente precisa de energia para estar com as crianças, a gente precisa estar bem emocionalmente para estar com elas, pra conviver com as crianças, pra cuidar das crianças, educar as crianças. [...] A instituição não nos acolhe como a gente precisava ser acolhida, é frio, é frio, entendeu? É frio, é muito prático né assim, eu preciso da licença, tenho a licença, sim, mas a acabou a licença maternidade, mas a vida continua né? As crianças continuam, enfim... é isso. (NÍSIA FLORESTA)

Sanjutá e Barham (2005) ao conduzirem uma análise sobre a relação entre trabalho e família no cenário brasileiro, destacaram a escassez de estudos nacionais no que se refere aos conflitos entre trabalho e família, sobretudo às normas e práticas de trabalho que podem resultar em uma série de custos na vida pessoal, familiar e de trabalho. A licença-maternidade, embora seja uma conquista, abrange apenas um período limitado. Após o término da licença, as mães continuam enfrentando desafios sem o suporte necessário. A instituição, na visão de Nísia, não oferece o acolhimento que elas precisam. Ora, é percebida como um ambiente impessoal, prático e frio, que não considera as necessidades das mães que desejam equilibrar suas carreiras e responsabilidades parentais. A participação das mulheres no mundo do trabalho tem crescido, mas ainda há muito a ser feito para melhorar as condições de atuação delas.

A ausência de apoio institucional tem um impacto profundamente negativo na carreira das mulheres, especialmente aquelas que são mães. Essa falta de suporte não apenas limita o progresso dessas mulheres, mas também perpetua as desigualdades de gênero em seus setores profissionais. Logo, entendemos que elas são propositais, para conferirem às mulheres lugares específicos como a desistência da carreira ou a culpabilização pela falta de tempo com os/as filhos ou a sensação de fracasso profissional por não poderem se dedicar como os homens e as

mulheres não-mães. A falta de suporte é um lembrete diário do machismo que elas são mulheres, que elas são mães.

As faltas de políticas de apoio podem afetar significativamente a produtividade e até mesmo a saúde mental das docentes, pois seu bem-estar pessoal repercute diretamente em seu desempenho no trabalho. Portanto, é pertinente questionar por que a instituição mencionada neste relato ainda não tomou medidas para promover a equidade e garantir um ambiente de trabalho inclusivo para as professoras que são mães. A promoção de um ambiente de trabalho inclusivo, onde todas as pessoas tenham a oportunidade de prosperar, precisa acontecer, independentemente de sua identidade de gênero ou status de maternidade.

3.4 Sobre(vivências) das professoras-mães durante o isolamento social da COVID-19

Em dezembro de 2019, na cidade de Wuhan, localizada na província de Hubei, China, surgiram vários casos de uma forma de pneumonia de origem desconhecida. Realizadas as análises do material genético isolado do vírus responsável por essa doença, foi identificado um novo tipo de betacoronavírus. Inicialmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) o denominou como 2019-nCoV. À medida em que a doença se espalhava rapidamente na China, casos de pacientes infectados pelo SARS-CoV-2, como ficou conhecido o vírus após novos estudos, começaram a ser identificados em diversas partes do mundo. Em resposta a essa disseminação global, a OMS declarou, em 30 de janeiro de 2022, uma situação de Emergência em Saúde Pública. Com o aumento dos números de óbitos e a rápida disseminação da doença para diferentes países, em 11 de março de 2022, a OMS passou a considerar a COVID-19 uma pandemia³. (BRASIL, 2020; MASSARANI *et al*, 2021)

No Brasil, a declaração de Emergência de Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) ocorreu em 03 de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde emitiu através Portaria GM/MS nº 188, o Decreto nº 7.616, de 17 de novembro de 2011. Conforme o Protocolo de Manejo Clínico do Coronavírus divulgado pelo Ministério da Saúde, os principais sintomas e sinais que os pacientes contaminados poderiam apresentar eram semelhantes aos da síndrome gripal, incluindo dispneia, febre ($\geq 37,8^{\circ}\text{C}$), tosse, mialgia, fadiga, sintomas respiratórios superiores e, em casos menos comuns, sintomas gastrointestinais, como diarreia. Logo, medidas

³ “O conceito moderno de pandemia é o de uma epidemia de grandes proporções, que se espalha a vários países e a mais de um continente.” (REZENDE, 1998, p. 154)

de proteção foram implementadas para combater a propagação do vírus, destacando-se o uso de máscaras, o isolamento de pessoas com suspeita de infecção e, sobretudo, o isolamento social. Este último, apesar de considerado uma das decisões mais rigorosas, revelou-se fundamental para preservar nossa saúde durante esta crise sanitária. (BRASIL, 2020) E foi assim, sob a orientação de médicos e especialistas, que testemunhamos o fechamento de diversos espaços e instituições. Observaremos a seguir como uma de nossas entrevistadas relembra o episódio em que a escola dos seus filhos anunciou o fechamento:

Quando a pandemia foi anunciada, a gente já tinha um certo rumor alguns dias antes, foi um momento assim, um clima muito tenso, eu lembro que a gente teve um aniversário no sábado e eu lembro que foi o último aniversário de uma criança que a gente gosta muito [...] Na segunda feira eu já havia de antemão antes mesmo da escola anunciar o fechamento temporário e a suspensão das aulas, eu já de imediato pensei junto ao meu esposo, acho que a gente não vai ter condição de mandar os meninos, mesmo se as escola manter as aulas. Eu acho muito arriscado, e aí não deu outra, no dia seguinte a escola fez a suspensão e foi geral. (NÍSIA FLORESTA)

As mudanças não se limitaram apenas a escolas, lazer ou trabalho. Sentimentos como luto, medo e ansiedade permearam essa crise. Notícias recorrentes sobre a superlotação dos hospitais, o aumento constante no número de óbitos e perdas irreparáveis de entes queridos, assombravam diariamente. Famílias e indivíduos sofreram profundamente, sem a oportunidade de se despedir. Sem dúvida, essas foram dores que não imaginávamos e para as quais não estávamos preparados. (ARANTES; DE SEIXAS, 2021)

Foram as mortes, as perdas, tivemos perdas familiares, tivemos quase uma perda mais próxima, então o meu sobrinho que ficou 53 dias internado, 43 num período bem significativo na UTI, então eu diria pra você assim, esses foram os momentos de apreensão, foi horrroso eu diria pra você. (BERTHA LUTZ)

Muitas pessoas adotaram o trabalho em home office, enquanto outras enfrentaram o desemprego. Algumas, por outro lado, não tiveram outra escolha senão permanecer em seus empregos, mesmo correndo o risco de exposição ao vírus. (ARANTES; DE SEIXAS, 2021) Na educação, este cenário trouxe algumas mudanças, uma vez que, ocorreu a suspensão das aulas presenciais nas unidades escolares e como forma de dar continuidade, a alternativa encontrada foi a substituição das aulas presenciais, publicada pelo Ministério da Educação através da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 a qual “dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19.” (BRASIL,2020)

Como já mencionado, as participantes desta pesquisa são professoras da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Nesta instituição, o Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão (CONEPE) considerou a aprovação do Conselho Nacional de Educação (CNE), autorizando a oferta de atividades não presenciais em todos os níveis de ensino, conforme parecer CNE/CP nº 5/2020, e também implementou uma reorganização no calendário escolar.

Art. 1º Aprovar Normas de Atividades Educacionais Remotas Emergenciais para a graduação com o objetivo de promover o fortalecimento das relações acadêmicas e apropriação de outros meios pedagógicos no período em que durar o isolamento social imposto a partir da pandemia de covid-19. (CONEPE, 2020, p. 2)

Consequentemente, professores/as começaram a utilizar as mídias de comunicação para reduzir a distância entre eles/as e os alunos e, de alguma forma, manter interações. Ora, isso exigiu uma dedicação significativa, não apenas nas horas de educação remota⁴, mas também no tempo necessário para buscar formação ou adaptar-se a esse novo formato de ensino, o que para muitos/as era algo completamente novo. (TROITINHO *et al*, 2021)

No ensino remoto, tantos professores quanto alunos não estavam preparados para essa nova realidade. Destinou-se aos docentes o desafio de se adaptar a mudanças repentinas e inovar suas estratégias pedagógicas com o intuito de preservar a qualidade de ensino proposta aos discentes, como também, coube-se aos discentes manter uma rotina de estudo em um cenário totalmente novo. (DANTAS; ROCHA; DE SOUZA, 2022, p. 3)

Logo, na vida das entrevistadas, ocorreu uma fusão entre vida pessoal e vida profissional, dentro de um único espaço, a casa. Vejamos esta declaração de Celina, que embora tenha destacado que sua carreira mesmo antes da pandemia já era algo presente na sua casa, o trabalho como professora tornou-se mais desafiador devido ao fato de que agora estava acontecendo diretamente em sua casa:

Então, o trabalho entrou na nossa vida e na nossa casa, embora o trabalho de professora já entre na nossa casa todos dias. Mas, nesse caso, literalmente ele invadiu, foi difícil porque por exemplo, minha filha tinha 1 ano e pouquinho a que tem 4 anos hoje, ela batia na porta, que queria entrar e aí eu ficava sem abrir.
(CELINA GUIMARÃES)

Embora ela tenha destacado que sua carreira mesmo antes da pandemia já era algo presente na sua casa, o trabalho como professora tornou-se mais desafiador devido ao fato de

⁴ “A educação remota online digital se diferencia da Educação a Distância pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial.” (Arruda, 2020, p. 265).

que agora estava acontecendo diretamente em sua casa. Quando ela menciona "eu ficava sem abrir", isso nos faz entender que era necessário que ela se isolasse para poder ministrar suas aulas ou atender a demandas adicionais. Assim, por sua vez, significava que ela não podia estar prontamente disponível para atender às necessidades de sua filha, o que, sob nossa ótica de análise, foi um desafio emocional para ela.

Mas teve uma hora que eu disse, eu vou abrir. aí eu abria a porta, pegava a fralda e botava no meu colo de pijaminha. O povo via ela e dava tchau. Você via nera? Então, no início eu ficava: nossa, tá atrapalhando, não pode, chamava minha mãe, minha outra filha mais velha, peguem ela, peguem ela. Depois eu disse, não... O trabalho invadiu nossas casas e aí então eu pegava no colo, ela dava tchau às pessoas, ela se sentia participante daquilo e aceitava e ficava no quarto, fazia barulho, às vezes eu dizia: faz menos barulho. Mandava o povo baixar televisão, internet caía, era aquela agonia, mas assim eu consegui também buscar esse equilíbrio. (CELINA GUIMARÃES)

Durante diversos momentos da entrevista, Celina enfatizou repetidamente a importância do equilíbrio, tanto no contexto da pandemia quanto fora dele. Para ela, no cenário de isolamento social, conciliar seu papel de mãe e o de professora com a presença de sua filha era mais viável do que excluí-la, o que pode ser compreendido como um espelho social, afinal não há como as famílias, especialmente as mulheres pelos motivos que já elencamos aqui, executarem suas vidas *fingindo* não ter filhos/as. Os conflitos internos e o medo de que sua filha atrapalhasse as aulas pode estar relacionado ao medo dos julgamentos sociais, os quais seus/uas alunos/as poderiam realizar, pois a sociedade patriarcal ensina que a maternidade é compulsória para as mulheres, mas também delega à elas a responsabilidade de encontrarem o *tal equilíbrio* que a entrevistada mencionou. E, neste sentido, os/as alunos/as poderiam julgá-la na medida que também estão inseridos/as neste cenário social que criminaliza as mães por exercerem seu papel de mãe. Contudo, Celina aprendeu a enfrentar a situação, incluindo também a interferência de outros moradores de sua residência, e assim trilhando seu caminho para o que ela chama de equilíbrio. Bertha Lutz também compartilha momentos de interação com sua filha não só na relação mãe-filha, mas também em seu papel docente, embora seja diferente da situação de Celina, é possível notar também uma configuração de maternidade que associa a relação entre mãe e filha e afazeres domésticos:

[...] Então por exemplo na pandemia mesmo, a minha filha que ia fazer supermercado, ela se desenvolveu na pandemia assim para fazer supermercado, tá... Para cuidar das coisas que a gente não podia sair, como sou diabética, meu esposo tem pressão alta então se eu tenho uma lista de tarefas eu preciso fazer isso e isso, então eu combino com meu filho antes [...] Existiram momentos que eu lembro de

estar em 5 ou 4 salas né, então eu estava coordenando essas coisas todas e aí a minha filha me ajudava, ela tem uma facilidade com as tecnologias. (BERTHA LUTZ)

O discurso patriarcal impõe que mulheres devem ter filhos/as para garantir cuidados futuros, perpetuando a ideia de que elas correm o risco de ficarem sozinhas se não tiverem filhos/as para cuidar delas. (COELHO, 2002) No entanto, a dinâmica entre Bertha e sua filha, conforme ela destacou ao ser questionada sobre como a maternidade e a docência estavam atravessadas durante o isolamento social, revela uma abordagem diferente. Nesse caso, a filha está desempenhando um papel fundamental no apoio à mãe durante a pandemia, não apenas na esfera familiar, mas também na sua carreira, uma vez que ela “tem maior facilidade com as tecnologias”, o que demonstra, de um lado, a aliança feminina e, de outro, que cuidar “das coisas da mãe” é uma tarefa de mulher, ou seja, da filha.

Nísia Floresta compartilha uma terceira perspectiva sobre as interseções entre a maternidade e a docência, destacando uma maior demanda de seu contexto materno durante o período de isolamento. Ela destaca como a presença de seus filhos e a possibilidade de compartilhar momentos significativos com eles durante a pandemia proporcionaram uma fonte de apoio emocional, oportunidade de reconexão com o ambiente doméstico e o valor de estar presente. Apesar dos ajustes necessários na rotina e nas tarefas diárias, Nísia observou um fortalecimento na parceria com seu companheiro. Embora tenham enfrentado desafios consideráveis, essa experiência reforçou os laços entre eles. Logo, sua casa se tornou um espaço de refúgio, segurança e união familiar diante do cenário de incerteza fora de lá.

A gente trabalhava, mas era um clima assim, recebia notícias de morte, de pessoas que partiram e a gente não podia se despedir. Então assim, a gente tinha esse atravessamento, além dos contextos das crianças. Ao mesmo tempo, a gente precisava mergulhar numa atmosfera do imaginário com as crianças. As crianças me salvaram porque com elas eu senti o amor, a gente revisitar a nossa casa, redescobrir os espaços da nossa casa. Nós vivemos o isolamento realmente só nós, em torno de 5 meses e meio. Quase 6 meses, somente nós. Então nós cuidamos das crianças e trabalhamos só nós, e casa e tudo e todas essas tarefas que envolvem uma casa e os cuidados com a criança e o trabalho. Foi muito difícil porque a gente teve que fazer revezamento, mas ao mesmo tempo a gente nutriu aquilo que a gente já faz em termos de parceria, de revezamento. De um quadro com horários e aí a gente aos poucos foi adaptando e construindo a nossa rotina em meio a esse caos. E assim, eu lembro que assim, a gente olhava para as ruas, não passava carros era um cenário de muita insegurança, mas ao mesmo tempo a gente nutria na nossa casa, nossa segurança de estarmos juntos, de fazer desse momento também um momento de imersão. Então considero esse momento como um momento de imersão, e para mim foi uma dádiva, estudar e aprofundar e organizar os estudos que fazem parte da primeira infância. (NÍSIA FLORESTA)

Embora a narrativa compartilhada por essa participante ofereça conforto ao apresentar como ela conseguiu encontrar novos significados em sua vivência durante o isolamento social, é válido reconhecer que o isolamento social foi uma faceta cruel na vida de todos/as e que esta realidade pode não ter sido a mesma para as outras pessoas. Esta crise sanitária encontrou a sociedade humana mundial com um panorama de desigualdades sociais muito acentuadas. Além das experiências individuais das docentes mães do DEDI, é essencial lembrar que, de acordo com Costa (2020), o impacto da pandemia se estendeu muito além das histórias pessoais, abrangendo não apenas desigualdades de gênero, mas também fatores econômicos, educacionais e étnico-raciais. Isso inclui desigualdades no mercado de trabalho, restrições nas liberdades individuais, disparidades nos direitos e na cidadania, dentre outras. A situação das populações mais pobres se agravou, colocando-as em uma situação ainda mais precária, o que levou a necessidade de assistência governamental para enfrentar a crise econômica resultante da pandemia. Isso ilustra como as desigualdades sociais podem se aprofundar em momentos de crise, afetando desproporcionalmente os mais vulneráveis. (COUTO; COUTO; CRUZ, 2020)

Apesar de o estudo em análise ter escolhido não divulgar as raças das participantes, visando a preservação de suas identidades e garantia de confidencialidade, é relevante sublinhar, para fins elucidativos, que as mulheres negras foram as mais afetadas, conforme evidenciado no estudo "A questão racial e o novo coronavírus no Brasil" de Nilma Lino Gomes (2020).

Contudo, nos propomos a analisar apenas a maternidade e a docência neste cenário epidêmico, sem esquecer de que há atravessamentos que podem alterar o modo como as pessoas vivenciaram o isolamento. Assim, utilizaremos como referencial para obter dados, o Projeto Parent in Science, iniciativa composta por cientistas que são mães e pais, com o principal propósito de fomentar discussões e diálogos acerca das questões relacionadas à parentalidade no contexto da academia e da comunidade científica. Durante os meses de abril e maio de 2020, o grupo realizou um levantamento em todo o território brasileiro por meio da aplicação de um questionário que recebeu respostas de aproximadamente 15 mil cientistas, abrangendo discentes de pós-graduação, pós-doutorandos/as e docentes/pesquisadores/as, todos com características distintas. A pesquisa foi conduzida com base em uma pergunta central: "A pandemia de COVID-19 está, sem dúvida, impactando a produtividade acadêmica, mas todos os/as cientistas estão sendo afetados da mesma forma?" (MOVIMENTO PARENT IN SCIENCE, 2020, p. 2)

As disparidades de gênero em relação à capacidade de trabalhar remotamente foram notáveis. Apenas 4,1% das professoras com filhos/as tiveram a oportunidade de realizar o trabalho remoto, em contraste com os 14,9% dos professores com filhos/as que puderam fazê-

lo. Ao analisar a categoria de profissionais sem filhos/as, 25,6% dos professores sem filhos/as conseguiram trabalhar remotamente, enquanto apenas 18,4% das professoras sem filhos tiveram a mesma oportunidade. No que se refere aos/as docentes que conseguiram submeter artigos científicos conforme o planejado, os dados revelam que 47,4% das professoras com filhos/as concluíram essa tarefa, em contrapartida a 65,3% dos professores com filhos/as que conseguiram fazê-lo. (MOVIMENTO PARENT IN SCIENCE, 2020).

A jornada de trabalho acadêmico-científico frequentemente requer horas extras, ou seja, tempo além do horário regular de trabalho. Isso inclui tarefas como escrever e revisar artigos, realizar leituras e estudos, orientar estudantes, entre outras responsabilidades acadêmicas. No entanto, para muitas mulheres, essas horas extras podem não estar disponíveis em suas rotinas, uma vez que precisam conciliar suas demandas da carreira profissional com as demandas da esfera pessoal. (CARPES *et al*, 2022)

Quando se tratou dos/as docentes que conseguiram submeter artigos científicos conforme o planejado, os dados mostram que, entre as professoras com filhos/as, apenas 47,4% conseguiram concluir essa tarefa, enquanto 65,3% dos professores com filhos/as a realizaram com sucesso. Além disso, ao examinar a categoria de docentes sem filhos/as, observou-se que 56,4% das mulheres conseguiram concluir os artigos conforme o planejado. Em contraste, 76% dos homens sem filhos/as também conseguiram fazê-lo. Esses números destacam as notáveis disparidades de gênero, mesmo entre docentes sem filhos (MOVIMENTO PARENT IN SCIENCE, 2020).

Assim, dentro do contexto de uma sociedade permeada por elementos machistas e orientada pelo sistema capitalista, destacamos que a parentalidade assume configurações distintas que exercem influência nas trajetórias profissionais dos/as cientistas. O que nesse sentido, é essencial reconhecer que o impacto decorrente da parentalidade não afeta homens e mulheres de maneira uniforme, como indicam os dados mencionados. (CARPES *et al*, 2022) Destacamos trechos dos relatos sobre como cada professora buscou ajustar suas produções acadêmicas durante o período de isolamento social, a fim de melhor se adequar às suas circunstâncias individuais.

Então nesse período e por esse período, por justamente viver esse período foi que surgiu o ebook[...] E aí né, um sábado desses combinei com 2 amigas que mora em [...] que foi a instituição [...] que eu fiz o mestrado e doutorado e nutrir essas duas amizades assim, que atravessam instâncias e numa dessas nós dissemos: vamos marcar um chimarrão um chá pra gente conversar? E aí eu lancei essa ideia porque não fazemos algo juntas? Eu tinha essas ideias né, que fazem parte exatamente do meu aporte teórico, e aí eu conseguir nesse período particular um material que até hoje eu uso nas aulas que rende frutos, então foi um período eu considero esse período

como um período de imersão, mas ao mesmo tempo eu fiquei esgotada mesmo fisicamente e emocionalmente porque a gente, eu trabalhava madrugadas, a gente fazia revezamento então nosso trabalho teve uma intensificação, no nosso trabalho. (NÍSIA FLORESTA)

Mesmo em um cenário permeado por medo e incerteza, Nísia destaca que durante a pandemia, e em grande parte devido a ela, surgiu o desejo de criar um e-book em colaboração com suas amigas. Entendemos que também se constituiu em um momento de compartilhamento e colaboração, embora o contato físico com as pessoas próximas foi suspenso, ainda foi possível fortalecer vínculos. Embora Nísia mencione o esgotamento físico e mental devido às madrugadas de trabalho, é importante considerar que o revezamento citado por ela diversas vezes em suas falas, pode ter sido um fator contribuinte para que essa produção pudesse se concretizar.

Enquanto eu sabia que tinha gente que estava aproveitando pra ficar produzindo e fazendo mais artigos e mais coisas eu não me foquei nisso, porque senão eu enlouqueceria, para aquele momento o importante era ficar viva e sã [...] sei que muitos professores pensaram; ah, vou aproveitar esse tempo trancado para produzir. Eu não tive isso porque eu não poderia, eu tinha que nos meus tempos vagos dar atenção para a menina que tinha 1 ano e 4 meses, entendeu? [...] Eu não posso fazer o que não tenho condição, entendeu? Tipo assim, ah eu poderia ser uma mãe que fizesse mais coisas, não, eu tenho que fazer o que eu posso e fazer meu melhor. Eu poderia ser uma professora que produzisse um artigo por dia, rs, que fizesse isso e aquilo? Também não porque eu não sou dedicada 100% a isso, então eu boto objetivo na vida tipo assim, na minha aula, os meus alunos precisam sentir confiança em mim do mesmo jeito que eu quero que as minhas filhas sintam, numa troca boa para que o aprendizado seja bom. Para realmente sentir, eu quero que os alunos tenham responsabilidade nas disciplinas na qual eu leciono, a partir deles e parte deles mesmo, eles querem estudar e aprender e eu ajudo eles nesse processo. (CELINA GUIMARÃES)

O relato de Celina traz algumas considerações a serem refletidas. Inicialmente, ela narra sua experiência dentro do período do isolamento social, mas ao longo de sua fala também discute fora desse contexto. Ela destaca que o período pandêmico não foi oportuno para produzir artigos, devido às demandas relacionadas à maternidade, especialmente em relação a sua filha de 1 ano e 4 meses. Esse momento a levou a questionar seu papel tanto como professora quanto como mãe. Além disso, enfatizou a importância de estabelecer uma relação de confiança com seus/as alunos/as, semelhante à que deseja construir com suas filhas. Ela percebe que os/as alunos/as também têm responsabilidades em seu processo de aprendizado, e por isso, deseja sempre auxiliá-los/as nesse processo. A narrativa distinta das duas docentes demonstra que há múltiplas formas de ser mãe-professora, o que contradiz o modelo patriarcal

que deseja alinhar as mulheres de uma mesma maneira na tentativa de padronizá-las para controlá-las.

De acordo com o calendário acadêmico da UFS, os períodos de ensino remoto corresponderam a: 2020/1, que teve início em 19 de outubro de 2020 e encerrou em 13 de fevereiro de 2021. 2020/2, que começou em 29 de março de 2021 e encerrou em 30 de julho de 2021 e 2021/1, com início em 23 de agosto de 2021 e encerramento em 18 de dezembro de 2021. Para tanto, medidas foram adotadas para implementar a transição do ensino presencial para o ensino remoto, dentre elas, o tempo padrão de uma hora-aula foi estendido de 50 para 60 minutos, tal mudança levou em consideração que não há mais a necessidade de deslocamentos para as aulas, economizando tempo. As atividades pedagógicas propostas para as disciplinas puderam ser conduzidas de duas maneiras: síncronas e assíncronas. No entanto, a universidade estabeleceu que pelo menos 25% e no máximo 50% da carga horária total do componente deveriam ser dedicados a encontros síncronos. No que se refere aos encontros síncronos, eles envolviam a interação em tempo real entre docentes e alunos, a fim de criar um espaço colaborativo. Houve também a obrigatoriedade para os docentes gravarem as aulas síncronas. O objetivo foi proporcionar flexibilidade aos alunos que não podiam participar das aulas no horário fixo. A gravação das aulas permitiria que os estudantes acessassem posteriormente o material, incluindo recursos e atividades, para revisão e estudo, adaptando-se às suas necessidades individuais. (CONEPE, 2020) Sobre essas adaptações temos este relato:

As relações nesse período de pandemia eu diria que ficaram mais intensas porque todo mundo estava concentrado muito dentro de casa, a verdade era essa. Então a gente estava muito cansado, acredito que algo difícil na pandemia foi lidar com as câmeras desligadas, com a falta de participação dos alunos assim, e também, não to responsabilizando eles, mas a própria conjuntura para eles estarem se expondo com aulas gravadas que todo mundo vai depois olhar. E aí tem medo de errar, e o medo acaba estrangulando esses processos todos, então assim, o mais difícil foi criar essas novas possibilidades de fazer aula, novas estratégias, se apropriar de interfaces que a gente não tinha essa apropriação, de tornar as aulas mais dinâmicas. [...] E aí é mais complexo, porque você tem que lidar com aquelas turmas de 40 alunos, têm que lidar com a família, assim, minha mãe ficou morando aqui com a gente, ela passou 20 dias sozinhas, mas já estava pirando muito, porque mesmo sozinha ela não tinha condição, ela escolheu ficar aqui e aí, já era menos uma preocupação como ela não tava sozinha, acho que ela passou aqui uns 9 meses. (BERTHA LUTZ)

Na sua narrativa, Bertha Lutz expressa uma preocupação e descontentamento em relação ao baixo engajamento dos/as alunos/as e ao fato de as câmeras estarem desligadas durante suas aulas. Ela reconhece que o novo formato de ensino, com aulas gravadas, foi intimidativo para os/as estudantes. No entanto, Bertha também percebeu a necessidade de criar

estratégias de ensino adicionais para transmitir segurança aos/as alunos/as. Além disso, ainda sinalizou que a grande quantidade de alunos/as e as questões pessoais/familiares que ela enfrentou representou um desafio adicional para além do próprio ato de ensinar. Neste cenário, percebemos que há uma preocupação da professora com sua turma, mas na narrativa dela não aparece o contrário, a preocupação dos/as estudantes. Diante de toda instabilidade causada pelo isolamento, da urgência de adaptação de metodologias de ensino para o ensino remoto, não houve a acolhida dos/as alunos/as, que mantiveram suas câmeras fechadas, como quem se fecha para as demandas de quem está do outro lado.

Celina também nos apresentou um pouco de sua experiência:

Minha preocupação era: eu preciso que os meus alunos se sintam bem nas minhas aulas. Eu tentava fazer minhas aulas, dar o conteúdo, passar o conteúdo de uma maneira boa, de uma maneira que os alunos sentissem interesse por aquilo e sem cobrar. No sentido de, entre trancos e barrancos eu conseguir o equilíbrio, no sentido de conseguir fazer as 2 coisas e sem pesar, e tudo penso assim: não pode pesar para mim, porque se pesar não faz sentido, comecei a fazer as coisas de uma maneira que não pesasse pra mim porque não queria que pesasse para os meus alunos do outro lado. (CELINA GUIMARÃES)

À medida que os alunos/as enfrentavam desafios em seus lares, é importante reconhecer que as professoras, como Celina e Bertha, também estavam passando por circunstâncias igualmente desafiadoras. Ambas compartilham uma profunda preocupação pelo bem-estar emocional e pelo interesse de seus alunos, o que não foi recíproco. Entendemos que elas são vistas como professoras salvadoras, tal como exibem os filmes estadunidenses em que há aquelas que não possuem vida pessoal, nem demandas individuais, e, por isso, devem agir como máquinas (ACCORSI, TERUYA, 2018). A expressão "trancos e barrancos" de Celina destaca a notável resiliência e dedicação que ela investiu para atuar como professora e proporcionar uma educação de qualidade mesmo diante de uma tragédia que foi a Covid-19.

Com uma terceira perspectiva do isolamento, Nísia Floresta acrescenta um outro elemento, o bem-estar físico:

Foi um período prolongado e nesse período prolongado eu jamais, eu hoje professora não consigo ultrapassar a meia noite de trabalho, não consigo e não quero, eu quero ter sono de qualidade, eu acho que na verdade a gente deveria fazer um movimento contrário, se perguntar qual o nosso tempo de trabalho, como a gente lida com o nosso corpo, porque eu senti muitas dores, principalmente por essa posição, exatamente no pescoço, ombros, então essas dores surgiram e no ano de 2022 eu priorizei né aulas de pilates. Até hoje eu faço pilates porque são os efeitos do uso contínuo no computador, marcas de , olheiras? Eu tenho porque com crianças, antes eu já tinha e aí só se agravaram, eu digo essas manchinhas que são manchinhas por conta da exposição, são queimaduras, elas são da tela do computador, então a gente já tem aqui os impactos no corpo né. Ou seja, na postura, os estudos mostram

isso né, impactos desse trabalho por muito tempo diante da tela, isso afeta nossa qualidade de sono. (NÍSIA FLORESTA)

As vivências desse período levaram Nísia a uma reflexão profunda sobre a gestão do tempo e a importância de cuidar de seu bem-estar físico. Atualmente, ela não consegue mais prolongar suas jornadas de trabalho até a meia-noite, como fazia durante a pandemia. Os impactos desse período se manifestaram em dores físicas persistentes, que agora fazem parte de sua realidade. Nísia compartilha que as olheiras sob seus olhos representam dois momentos distintos em sua vida: o primeiro surgiu após o nascimento dos/as filhos/as, enquanto o segundo se desenvolveu durante o período de isolamento social. Ambos os momentos contribuíram para o surgimento dessas marcas em sua aparência, servindo como testemunho dos desafios emocionais e físicos que enfrentou ao longo do tempo.

As docentes enfrentam um risco considerável de adoecimento devido à elevada carga de trabalho que enfrentam, pois, conciliar essas demandas com outras vindas da vida doméstica, pessoal e social, bem como encontrar tempo para cuidar de si mesmos/as, representa um desafio adicional, pois como nos ensina Federici (2021, p. 29) “[t]er dois empregos só significou contar com menos tempo e energia para a luta”. Ora, considerando todas as exigências impostas pelo ensino remoto, os/as professores/as não apenas enfrentaram desafios físicos e psicológicos, mas também passaram por transformações significativas em suas vidas. (DANTAS, 2022)

A pandemia também me fez voltar e priorizar e olhar para o meu corpo, para priorizar uma atividade física regular, mesmo com uma agenda apertada, priorizar espaços de tempo de qualidade, organizar melhor meu tempo, então pra mim assim esse foi um dos grandes impactos. (NÍSIA FLORESTA)

Tem algo que me fortalece muito que eu, enquanto mãe, enquanto professora, eu cuido muito da minha espiritualidade para que eu consiga dar conta dessas demandas. Também faço atividade física e outra coisa que tem me ajudado, é fazer coisas diferentes. Coisas que eu nunca fiz, eu to na pegada de fazer coisas diferentes, agora to correndo, participando de corrida, eu (risos), tomo muito café em hotel, sabe, como fora. Então eu saio, eu já to assim a um bom tempo da minha vida que coloquei isso na minha cabeça que não é o excesso de atividade, a atividade sempre vai estar lá. Então eu não deixo de fazer as atividades que eu gosto porque eu tenho quantitativo de trabalho, porque eu sempre tenho um grande quantitativo de trabalho desde que eu me tenda profissional, as demandas sempre são grandes e o que eu faço é lidar com essas demandas a partir de uma rede de apoio sem deixar aquilo que eu gosto, porque qual é o meu medo? Olhar pra trás e dizer: olhe, eu deixei de fazer aquilo e infelizmente eu não fiz, ame mais, faça isso, faça aquilo. Não! Eu amo agora, eu paro o que eu to fazendo e vou fazer o que eu gosto de fazer e depois eu continuo, porque as demandas elas sempre vão existir. Acho que cabe tentar, eu fico tentando buscar coisas diferentes para diminuir essa ansiedade que a gente ainda ficou da pandemia que faz parte também do processo do trabalho, mas trabalho para mim é um princípio educativo, sabe? É algo bom gostoso que eu faço, não é algo ruim, pesado pra mim acho que é porque eu to naquilo que eu gosto. (BERTHA LUTZ)

As múltiplas demandas na vida das participantes, especialmente Nísia Floresta e Bertha Lutz, trouxeram à tona a imbricação entre vida pessoal e profissional, o que o capitalismo tenta nos convencer de que devem ser separadas. Para Nísia, sua agenda lotada costumava ser um obstáculo para realizar atividades que ela gostava, mas após a experiência da pandemia, isso não é mais uma realidade. Agora, ela reconhece que o autocuidado deve estar no centro de sua vida, entendemos que há a percepção de que “[e]ssas são as correntes que nos aprisionam a uma condição próxima da escravidão.” (FEDERICI, 2021, p. 35).

Bertha Lutz também compartilha sua abordagem para lidar com as pressões do trabalho, enfatizando a importância de não abrir mão de suas preferências pessoais. Essas experiências ressaltam a importância da consciência crítica acerca do que é considerado necessidade na vida das mulheres, bem como um olhar atento à mesclagem entre feminilidade e trabalho, pois “[t]udo que descobrimos, até agora, é quem não somos, à medida que nos fortalecemos para romper com a identidade que nos é imposta.” (FEDERICI, 2021, p. 35).

A gente tem efeitos da pandemia na sala de aula porque se a gente viveu por um tempo a sala de aula no formato tela com espaço de tempo, interação professor-aluno menor, quando a gente volta para o espaço físico, todos nós mudamos e aí gente precisava de um cuidado maior com isso, sabe? (NÍSIA FLORESTA)

É importante salientar que os efeitos do ensino remoto e do isolamento social não se restringem apenas ao âmbito pessoal das professoras entrevistadas. Durante as entrevistas, também foram enfatizados os impactos que persistem no período pós-pandemia como neste relato anterior. Embora este estudo tenha se concentrado principalmente no período de isolamento, não podemos desconsiderar esses relatos, pois eles demonstram que as ramificações da pandemia ainda perduram e continuam a moldar suas vidas, possivelmente constituindo tópicos de investigação em futuras pesquisas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão de concentrar esta pesquisa no período de isolamento social se mostrou relevante, uma vez que oferece uma oportunidade para analisar as vivências das professoras do DEDI que desempenharam simultaneamente os papéis de mães e professoras dentro de suas casas. Como a maternidade e a docência estiveram atravessadas na vida das professoras-mães do DEDI, durante o isolamento social da COVID-19, foi a pergunta orientadora deste estudo a qual nos propomos dar conta. Logo, afirmamos que nossa hipótese de que as desigualdades de gênero foram agravadas e que as professoras-mães enfrentaram dificuldades significativas na gestão do tempo, devido à necessidade de conciliar suas atribuições familiares e profissionais de forma simultânea durante esse período, foi confirmada.

Esse recorte temporal também possibilitou uma exploração mais aprofundada das estratégias adotadas por essas mulheres para enfrentar desafios específicos decorrentes das restrições e mudanças na rotina impostas pela pandemia, além de destacar questões de gênero que também atravessaram suas vivências nesse contexto.

Além disso, foi discutido ao longo do estudo como as identidades maternas e docentes dessas mulheres construídas em uma sociedade machista e capitalista se entrelaçaram e moldaram suas abordagens e experiências antes desse período. O entendimento dessas complexas configurações revelou-se como fundamental também para uma compreensão mais evidente das experiências durante o distanciamento social.

Os dados coletados revelam ainda que o período de isolamento em consonância com ensino remoto apresentou desafios adicionais para as mulheres foco deste estudo, as quais tiveram sua saúde mental e o bem-estar físico afetado devido às múltiplas demandas. Não apenas em períodos de crise, mas ao longo de toda a sua carreira acadêmica, mulheres desempenham duplas/triplas jornadas na tentativa de conciliar sua vida pessoal com a vida profissional sem que nenhuma seja mais afetada.

Embora tenhamos observado por meio da revisão bibliográfica deste estudo que o cuidado ainda está frequentemente associado a papéis de gênero específicos, particularmente femininos, foi significativo notar que, com base nas narrativas, há uma mudança perceptível nos padrões tradicionais de gênero em relação ao cuidado e a parentalidade. A participação dos parceiros nas responsabilidades relacionadas aos filhos é um sinal positivo de evolução nas dinâmicas familiares e de gênero, em virtude de a possibilidade das mulheres-mães serem capazes de conciliar as demandas da esfera familiar e da esfera profissional sem sobrecargas.

A falta de reconhecimento institucional que elas enfrentam destaca a importância deste trabalho, pois ele lança luz sobre a necessidade de discussões aprofundadas e representa uma contribuição significativa para os debates sobre igualdade de gênero no contexto acadêmico. Bem como políticas mais equitativas no que se refere a igualdade de gênero nos setores profissionais, dando condições às mulheres mães progredirem.

Por tanto, tais constatações sugerem a relevância de novas pesquisas que explorem não apenas as experiências das mães professoras, mas também as de mulheres mães em outras ocupações e campos de atuação, por exemplo, examinar as distintas dimensões relacionadas ao gênero, etnia e raça, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos desafios complexos que mulheres enfrentam ao lidar com a maternidade com suas carreiras.

REFERÊNCIAS

- ACCORSI, F. A.; SOUZA, J. M. R. de G.; SANTOS, A. C. A. Mulheres e natureza: aproximações e afastamentos generificados. In: BALISCEI, João Paulo. **É de menina ou menino?** Imagens de gêneros, sexualidades e educação. Curitiba: Editora Bagai, 2022, p. 116-127.
- ACCORSI, F. A.; TERUYA, T. K. A pesquisa como ato reflexivo de coragem e disputa por significado. **Revista Textura**, Canoas, v.22, n.49, p. 190-204, jan/mar. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/5206/3674>. Acesso em: 02 jul. 2023.
- ACCORSI, F. A.; TERUYA, T. K. A John Dewey no cinema: os princípios educativos no filme Além da sala de aula. **Novos Olhares**, 7(2), p. 15-22, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/149406>. Acesso em: 25 nov. 2022.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Pedagogia**: a arte de eregir fronteiras. In: BUJES, M. I. E.; BONIN, I. T. (Org). *Pedagogia sem fronteiras*. Canoas: Ed. ULBRA, 2010, p. 21 -31.
- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação**: a paixão pelo possível. Editora Unesp, 1998.
- ARANTES, V.; DE SEIXAS, B. G. **Projetos de vida de professores frente à pandemia da covid-19**: entre sentidos e significados. 2021. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/educacao-escola>. Acesso em: 01 set. 2023.
- ÀRIES, P. **História Social da Infância e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. **EmRede: Revista de Educação a Distância**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 257-275, maio 2020. Disponível em: <https://www.aunired.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>. Acesso em: 25 set. 2023.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BENTO, C. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BORGES, C. S. **Desafios através dos tempos**: Reflexos do movimento feminista na legislação brasileira e dificuldades persistentes na vida das mulheres. 2021. 31 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/32726>. Acesso em: 03 out. 2022.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 5/2020**. Reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da COVID-19. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 24 set. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Brasília, DF, 7 fev. 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13979.htm Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano de Contingência Nacional para Infecção Humana pelo novo Coronavírus COVID-19** Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública | COE COVID-19 [recurso eletrônico] / Ministério da Saúde, Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública. – Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/guias-e-planos/livreto-plano-de-contingencia-esp-in-coe-26-novembro-2020>. Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. **Protocolo de Manejo Clínico do Coronavírus (COVID-19) na Atenção Primária à Saúde**, versão 9. Brasília - DF, maio de 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/protocolo-de-manejo-clinico-do-coronavirus-covid-19-na-atencao-primaria-a-saude/>. Acesso em: 23 set. 2023.

CAMOZZATO, V. C. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, v. 39, p. 573-593, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/JQGQqFY6bhHXDRrLj8Sn56P/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2023.

CARPES, P. B; STANISCUASKI, F.; OLIVEIRA, L.; SOLETTI, R. C. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/c7TkCBBBsYtF7nhnsDmZ83n/>. Acesso em: 11 set. 2023.

COSTA, A. F. Desigualdades sociais e pandemia. *In*: CARMO, R. M.; TAVARES, I.; CÂNDIDO, A. F. **Um olhar sociológico sobre a crise Covid-19 em livro**. Lisboa: Observatório das Desigualdades. 2020.

COELHO, L. A. R. Mulheres que não desejam ser mães: a desnaturalização da maternidade ou naturalização da não-maternidade. **Anais do Conic-Semesp.**, Faculdade Anhanguera de Campinas, v. 1, 2002. Disponível em: <https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2013/trabalho-1000014819.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.

CORREIA, M. D. J. Sobre a maternidade. **Análise psicológica**, v. 16, n. 3, p. 365-371, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/5739>. Acesso em: 17 jul. 2023.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. de M. P. #FIQUEEMCASA: EDUCAÇÃO NA PANDEMIA DA COVID-19. **Educação**, v. 8, n. 3, p. 200-217, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/8777>. Acesso em: 09 set. 2023.

DANTAS, S. G. **Percepção dos impactos da pandemia e ensino remoto na saúde mental e física segundo professores de uma universidade do Rio Grande do Norte**: um estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/handle/prefix/7586>. Acesso em: 09 set. 2023.

DONATH, O. **Mães arrependidas**: uma outra visão da maternidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta**: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005.

FEDERICI, S. **O patriarcado do salário**: notas sobre Marx, gênero e feminismo. São Paulo: Boitempo, 2021.

FELIPE, J. Estudos Culturais, gênero e infância: limites e possibilidades de uma metodologia em construção. **Revista Textura**, Canoas, n.19-20, p. 4-13, 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/view/998/774>. Acesso em: 15 nov. 2022.

FOUCAULT, M. Política e Ética: uma entrevista. In: FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 218-224, 2004.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5ª ed. Campinas, SP: Editora Alínia, 2011.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOEWELL, A. G. **Maternidade e trabalho**: atravessamentos dos discursos sociais em falas de mulheres durante a pandemia do covid-19. Dissertação (Pós-Graduação Psicanálise) - Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas Arrebatadoras. 7 Edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2008.

KERN, L. **Cidade Feminista**: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, sociedade & culturas**, v. 25, n. 2007, p. 235-245, 2007.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação, uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. Aprendendo o caminho da pesquisa. In: FAZENDA, I. (Org.) **Novos enfoques da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, p. 35-50, 2004.

MACHADO, J. S. de A.; PENNA, C. M. de M.; CALEIRO, R. C. L. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde em Debate**, v. 43, n. 123, p. 1120-1131, out./dez. 2019. Disponível em: <https://www.saudeemdebate.org.br/sed/article/view/2285>. Acesso em: 20 set. 2022.

NEUMANN, A. Produtividade acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade. Levantamento realizado pelo Movimento Parent in Science durante o isolamento social relativo à Covid-19. **Parent In Science**, 2020.

OLIVEIRA, P. B. **A mulher atual e a representação da maternidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/241>. Acesso em: 28 ago. 2023.

RABELO, A. O.; MARTINS, A. M. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. *In: VI CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*. Minas Gerais: **Anais do evento**, 2006. p. 6167-6176. Disponível em: <https://docplayer.com.br/11509452-A-mulher-no-magisterio-brasileiro-um-historico-sobre-a-feminizacao-do-magisterio-resumo.html>. Acesso em: 16 ago. 2023.

ROCHA-COUTINHO, M. L. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres. *In: Família e casal: efeitos da contemporaneidade*. Rio de Janeiro: PUC, p. 122-137, 2005. Disponível em: http://www.editora.puc-rio.br/media/ebook_familia_e_casal.pdf. Acesso em: 29 jul. 2023.

RODRIGUES, A. de J.; GONÇALVES H. de A.; Menezes M. B. de C. Nascimento M. de F. **Metodologia Científica** – Aracaju: UNIT, 2014.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.

SANJUTÁ, G.; BARHAM, E. J. Uma análise do equilíbrio trabalho e família no contexto brasileiro. **Nucleus**, v. 3, n. 1, p. 1-10, 2005. Disponível em: <https://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/424>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SANTOS, C. V. M. D.; CAMPANA, N. T. C.; GOMES, I. C. Cuidado Parental Igualitário: revisão de literatura e construção conceitual. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaptp/article/view/23498>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 5, p. 47-59, 2001. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/30384>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C.; ABREU, K. E.; SILVA, L. S. A feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. **Revista Feminismos**, v. 8, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>. Acesso em: 22 ago. 2023.

SOARES, J. D. S.; CARVALHO, A. M. Mulher e mãe, "novos papéis", velhas exigências: experiência de psicoterapia breve grupal. **Psicologia em estudo**, v. 8, p. 39-44, 2003.

SOUSA, L. G. P.; SOMBRIO, M. M. de O.; LOPES, M. M. Para ler Bertha Lutz. **Cadernos pagu**, p. 315-325, 2005. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644698>. Acesso em: 03 out. 2022.

TROITINHO, M. C. R.; SILVA, I. B.; SOUSA, M. M.; SANTOS, A. D. S.; MAXIMINO, Caio. Ansiedade, afeto negativo e estresse de docentes em atividade remota durante a pandemia da COVID-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 19, 2021.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/W93PH7nPTTMtYpDDC3bZXTR/>. Acesso em: 28 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS). Conselho do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. **Resolução nº 26/2020/CONEPE**, de 02 de setembro de 2020. Aprova Normas para Atividades Educacionais Remotas Emergenciais para os cursos de Graduação no âmbito da Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: CONEPE, 2020. Disponível em: https://www.ufs.br/uploads/page_attach/path/12061/RESOLUC__807_A__771_O_N__26-2020_CONEPE__1_.pdf . Acesso em: 06 set. 2023.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 126p. 2018.

VIEIRA, D. R. S. **Discursos sobre maternidade em postagens do Facebook**. 2020. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10765>. Acesso em: 28 jul. 2023.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS UNIVERSITÁRIO PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa de monografia que está sendo desenvolvida na Universidade Federal de Sergipe, no Departamento de Educação (DEDI), sob a responsabilidade da estudante pesquisadora Nadja Stefany Souza Silva e orientação da Profa. Dra. Fernanda Amorim Accorsi. O objetivo dessa pesquisa investigar como a maternidade e a docência se atravessam, especialmente durante o isolamento social da COVID-19 na vida das professoras-mãe do DEDI. A sua participação é voluntária e acontecerá por meio de uma entrevista. Nela, serão explorados aspectos relativos à sua compreensão acerca dos papéis de mãe e docente, a relação entre eles e como eles estiveram atravessados durante o período de isolamento social. A entrevista será gravada, após seu consentimento, para posterior transcrição e análise. Não serão usadas imagens e as identidades serão preservadas com a utilização de pseudônimos.

Os dados coletados, bem como o termo de consentimento livre e esclarecido, serão armazenados e somente terão acesso a eles você, participante, a pesquisadora e sua orientadora. Se tiver dúvida você pode procurar a orientadora responsável por esta pesquisa.

Consentimento pós-informação

Considerando as informações acima descritas, que esclarecem o que a pesquisadora pretende fazer e a minha forma de participação na presente pesquisa, eu

concordo com a participação no estudo sabendo que: a) tenho o direito e a liberdade de desistir da participação, retirando meu consentimento em qualquer fase, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo à minha pessoa; e b) não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira por minha participação. Este termo apresenta duas vias, que serão assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada uma de nós.

Itabaiana, ____ de _____ de 2023.

Docente Participante

Estudante Pesquisadora